



**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

**A SAÚDE MENTAL DOS TRABALHADORES COM ENSINO SUPERIOR EM
SITUAÇÃO DE DESEMPREGO**

Autora: Letícia Ribeiro Souto Pinheiro

Orientadora: Janine Kieling Monteiro

São Leopoldo

2008

**A SAÚDE MENTAL DOS TRABALHADORES COM ENSINO SUPERIOR EM
SITUAÇÃO DE DESEMPREGO**

Letícia Ribeiro Souto Pinheiro

Orientadora: Profa. Dra. Janine Kieling Monteiro

**Financiamento: Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
(CAPES)**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Psicologia, Área de concentração
Psicologia Clínica, da Universidade do
Vale do Rio dos Sinos, como requisito
parcial para a obtenção do título de
Mestre em Psicologia.**

São Leopoldo

2008

*“Parece natural que a demissão afete mais o indivíduo desligado
do que qualquer outro envolvido”*

Caldas

*(...) Mas a questão é: nosso desemprego não será solucionado
enquanto os senhores não ficarem desempregados!*

Bertolt Brecht

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, com muito carinho, à Profa. Dra. Janine Monteiro, que aceitou o desafio de orientar esta pesquisa, demonstrando ser sempre um modelo de Mestre e de pessoa frente às mais variadas situações.

À minha mãe e minha irmã, pela compreensão e incentivo nesses momentos de minha vida acadêmica e pessoal. Obrigada por tudo!

Ao meu noivo, grande companheiro que esteve presente em todas as situações, trilhando comigo esse caminho.

Agradeço às agências de emprego que disponibilizaram o contato com os entrevistados, trabalhadores desempregados que se dispuseram a falar de suas vidas, suas tristezas e expectativas, expressando dignamente as experiências de quem vive o desemprego.

Àqueles que me ajudaram das mais diversas formas, como Silvia, Helena, Vera, Vanessa pelas sugestões de melhoria e esclarecimentos.

Aos colegas e amigos que estiveram próximos e interessados em meu processo, Vera, Lia e Lúcia, que me acolheram carinhosamente em muitas situações.

À CAPES, pela concretização de um sonho, devido ao seu apoio financeiro.

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
ABSTRACT.....	8
1. APRESENTAÇÃO.....	9
2. RELATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO.....	11
2.1 Introdução.....	11
2.2 Justificativa Teórica.....	12
2.2.1 A importância do trabalho no mundo dos “sem trabalho”.....	13
2.2.2. Desemprego.....	14
2.2.3 Desemprego e ensino superior	16
2.2.4 Desemprego e saúde mental.....	16
2.3 Objetivos.....	22
2.4 Método.....	22
2.4.1 Delineamento	22
2.4.2 Participantes	22
2.4.3 Procedimentos de Coleta de Dados	24
2.4.4 Procedimentos Éticos.....	24
2.4.5 Procedimentos de Análise dos Dados	24
2.5 Resultados e Discussão.....	25
2.6 Considerações Finais.....	49
3. ARTIGO TEÓRICO.....	51
4. ARTIGO EMPÍRICO.....	63
5. REFERÊNCIAS.....	83
6. APÊNDICES.....	92
Apêndice A – Roteiro de Entrevista.....	93

Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	94
Apêndice C - Publicações e Produções derivadas da Pesquisa.....	95
Apêndice D - Aprovação Comitê de Ética.....	96

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a saúde mental de trabalhadores com ensino superior em situação de desemprego na região norte do Rio Grande do Sul. A pesquisa foi de natureza qualitativa, com caráter exploratório descritivo. Participaram do estudo seis trabalhadores desempregados há mais de quatro meses, com formação superior completa e que já tinham alguma experiência de trabalho. Os participantes eram de ambos os sexos e tinham entre 24 e 40 anos de idade. Um estudo piloto com quatro sujeitos antecedeu a investigação a fim de validar o instrumento. Utilizou-se uma entrevista semi-estruturada em profundidade, gravada e transcrita na íntegra. A técnica utilizada para tratar os dados coletados foi a análise de conteúdo. Por meio dessa análise, cinco grandes temas emergiram: 1) *trabalho*; 2) *desemprego e saúde mental*; 3) *desemprego x escolaridade*; 4) *estratégias de enfrentamento* e 5) *futuro*. A partir desses temas diversas categorias foram identificadas, bem como suas subcategorias. As análises apontam para as peculiaridades do sofrimento do trabalhador desempregado com diploma superior. O desemprego desses indivíduos está associado à problemas de saúde, tanto de ordem física quanto mental. Cita-se nesse contexto a angústia, as alterações de peso, desesperança, vergonha, depressão, a insônia, o isolamento social, a desmotivação e as dores generalizadas. Em síntese, constatou-se um arrependimento frente à formação de nível superior e uma das estratégias de enfrentamento encontrada foi estudar para concursos públicos.

Palavras – chave: desemprego; ensino superior; saúde mental; trabalho

ABSTRACT

This research aims to analyze the mental health of workers from northern Rio Grande do Sul who have an undergraduation degree but are unemployed. This is a qualitative research, with an exploratory and descriptive character. Six unemployed male and female workers who have been unemployed for longer than four months participated in this study. All of them had already had some working experience previously. The participants' ages ranged between 24 and 40 years old. A pilot study with four people was made before the investigation to validate the analytical instrument. A semi-structured in depth interview was used to collect data, recorded and fully transcribed. The data were analysed with a content analysis technique. Five broad themes have emerged from this analysis: 1) work; 2) unemployment and mental health; 3) unemployment x schooling; 4) confronting strategies and 5) future. These themes generated a number of other categories as well as their subcategories. The analysis indicates that there are peculiarities of these undergraduated workers' suffering. The unemployment of these people is associated with health problems regarding their physical and mental condition. Feelings of anguish, weight alteration, hopelessness, shame, depression, insomnia, personal isolation, lack of motivation and generalized pain are mentioned by the interviewees. In conclusion, it is observed a regret towards their college degree; one of the strategies to confront these feelings is to study for public contests.

Key-words: unemployment; undergraduation, mental health; work

1. APRESENTAÇÃO

A temática do desemprego é vasta, uma vez que se trata de um fenômeno complexo que possui diversas interpretações e determinações a nível histórico, de acordo as transformações do processo produtivo. O presente trabalho trata este tema como foco central do estudo, mas não se resume a isso, aborda a saúde mental e a questão da escolaridade de indivíduos que vivenciam a situação do desemprego.

Esta dissertação abrange um relatório de pesquisa e dois artigos, conforme estabelece o regimento interno deste Programa de Pós-Graduação. Na primeira parte apresenta-se de forma sistematizada o Relatório de Investigação, o qual abarca toda a pesquisa, desde suas questões introdutórias, metodologia, procedimentos, discussão até as considerações finais. O segundo momento corresponde ao artigo teórico denominado “Refletindo sobre desemprego e agravos à saúde mental”. Finalmente apresenta-se o artigo empírico, que versa sobre os achados da pesquisa, explicitando suas contribuições relevantes e reflexões sobre as possíveis articulações que podem ser feitas acerca da temática estudada.

As reflexões que deram origem à problematização encontrada na presente dissertação brotaram a partir dos incômodos internos causados com a prática da autora em processos de recrutamento e seleção de pessoal. Mostrava-se notório o desconforto de candidatos que se encontravam na situação de desemprego, relevantemente naqueles com formação superior. Obviamente que ao entrevistar tais candidatos, estes buscavam demonstrar que estavam bem (referindo-se à situação de desemprego), mas ao mesmo tempo “quase imploravam uma vaga dentro da empresa”. Assim, começaram a germinar os desejos da autora dentro do campo da Psicologia, de um olhar mais atento para esse trabalhador sem trabalho. Nesse ínterim busca-se o mestrado, leituras, apresentações... Afinal, tudo isso com muito afincamento e o que a autora antes pensava/achava/imaginava passou a estudar com bases científicas e a produzir conhecimentos. No final dessa história toda, encontra-se uma autora apaixonada pela sua temática de pesquisa, com desejo de prosseguir nessa atividade e disseminar a emergente necessidade de se acometer, não apenas como objeto de estudo, mas sim como práticas da Psicologia, tais indivíduos com uma lacuna na sua identidade de trabalhador.

Enfim, a autora convida a fazer uma imersão no mundo do trabalhador com ensino superior na situação de desemprego. Que a escrita da autora deixe fluir a leitura, permitindo espalhar-se nos desdobramentos realizados, até mesmo porque a proposta de

pensar sobre tal temática encontra-se longe de se esgotar nestas páginas, constitui-se ainda incipiente e se faz, a cada dia, mais necessária e urgente.

2. RELATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO

2.1 Introdução

O fenômeno do desemprego constitui-se em um dos problemas sociais mais inquietantes da contemporaneidade (Pochmann, 2001; Tumolo & Tumolo, 2004). Essa problemática é apontada como uma das mais graves conseqüências causadas pelo desenfreado processo de globalização. As mudanças do mundo do trabalho induziram também à precarização das condições de trabalho, bem como das relações nele estabelecidas (Castel, 1998). Tais transformações advindas também do crescimento tecnológico propiciam insegurança não apenas aos que estão desempregados, mas também àqueles empregados, considerados até há pouco tempo estáveis. Infere-se, assim, que não se pode falar sobre desemprego sem que se discuta a categoria trabalho.

O processo de adoecimento e os reflexos psicossociais do desemprego desencadeiam-se ainda no ambiente de trabalho, quando o trabalhador percebe o risco de ficar desempregado (Seligmann-Silva, 1994). Barreto (2000) destaca que o indivíduo passa a silenciar sua própria dor e a restringir a comunicação frente ao medo de perder seu emprego. Então, a consumação do fato, o desemprego, acarreta incertezas quanto ao futuro profissional, tornando o desempregado alvo de discriminações e exclusões perante a sociedade. Diante do cenário do desemprego, a saúde física torna-se alvo de conseqüências e os comprometimentos mais graves mostram-se extensivos à saúde mental e aos relacionamentos sociais do trabalhador (Murphy & Athanasou, 1999).

A importância dessa investigação justifica-se pela carência de pesquisas, especificamente no campo da Psicologia, frente à problemática pontuada. É relevante afirmar que a ruptura com o vínculo laboral merece atenção integral, uma vez que o trabalho é o principal mediador da realização social (Dejours, 2000) e, sem esse, o indivíduo fica à mercê de repercussões psicológicas. O interesse pela temática entrelaça-se à experiência profissional da autora no contato direto com indivíduos desempregados, através de seleção de pessoal. O interesse pela temática apresentada vincula-se à linha de pesquisa Subjetivação Contemporânea e Práticas Clínicas do Programa de Pós- Graduação em Psicologia da Unisinos.

2.2 Justificativa Teórica

Apesar da relevância deste assunto ainda existem escassos estudos, especificamente na área da Psicologia, que se preocupam em investigar a questão do desemprego na formação de nível superior. Pode-se inferir que no campo da Psicologia existe um realce e aprofundamento dado designadamente ao trabalhador em seu contexto de trabalho.

Nesse contexto, o panorama da literatura internacional indica que há estudos empíricos, em sua maioria, quantitativos (Ranzijin, Carson, Winefield & Price, 2006), e que visam a analisar, sobremaneira, o desemprego nos jovens (Ranzijin, Carson, Winefield & Price, 2006) e as formas de enfrentamento (Christensen et al., 2006). Outros estudos indicam que o desemprego está correlacionado à redução da auto-estima, da auto-afirmação enquanto cidadãos, ao aumento do risco de depressão e de suicídio (Arrazola & Mendes, 1998; Blakely, Collings & Atkinson, 2003), com a exclusão social, o isolamento, a ansiedade sobre o futuro (Winefield, 2002), aos comportamentos autodestrutivos, ao alcoolismo e às dificuldades nos relacionamentos conjugais (Gallo, Bradeley, Siegel & Kasl, 2001).

A literatura nacional, ainda que um pouco mais escassa, volta-se à compreensão das reações subjetivas dos desempregados (Castelhano, 2006), a delinear o perfil e as vivências desses sujeitos (Peres, Silva & Carvalho, 2003; Tumolo & Tumolo, 2004; Cardoso, 2004), o impacto psicológico (Moura, 2001) e a detectar estratégias de enfrentamento diante do desemprego (Caldana & Figueiredo, 2002). Tais estudos mencionam e alertam agravos para a saúde mental do desempregado, mas poucos estudam-na especificamente, observando-se, assim, que não tratam a saúde mental como foco central do estudo.

Destarte, tais contribuições científicas buscaram analisar, principalmente, as vivências subjetivas do desemprego frente a grupos menos escolarizados, com raras exceções, que consideram o nível superior (Felisberto, 2001; Borcsik, 2006; Pimentel, 2007). Ademais, evidencia-se uma grande lacuna: a investigação da saúde mental na situação de desemprego em indivíduos com ensino superior, foco do presente estudo. Depreende-se, então, que existe um vasto campo que será analisado como objetivo do estudo, tanto no que diz respeito à avaliação da saúde mental dos desempregados, bem como na relação existente entre ensino superior e desemprego. Assim, evidencia-se a necessidade de pesquisar esse grupo com escolaridade superior uma vez que cresce

vertiginosamente o número de instituições de ensino superior, mas, no entanto, não assegura emprego.

2.2.1 A importância do trabalho no mundo dos “sem trabalho”

O trabalho, desde a antiguidade, é um modo de existir e de viver. Como atividade central, o trabalho não denota apenas a capacidade de manifestar-se e exprimir-se através dele, os significados do trabalho transcendem a isso. O mesmo detém elementos para se auto-entender, sendo que é a partir do próprio trabalho que o indivíduo pode se analisar, passando então a ser produtor de subjetividades (Baremlitt, 1992). Compreende-se, de acordo com Brant e Melo (2001), que a atividade laboral pode ser considerada como um elemento instituidor da condição humana, tanto em seus aspectos sociais quanto simbólicos.

O trabalho representa, para o homem, um verdadeiro sentido de vida, sendo que, em muitas situações, o trabalhador passa a maior parte de seu tempo trabalhando, em detrimento de situações fora do espaço de trabalho. Conforme Cattani (2004), na sociedade atual o trabalho é sinônimo de dever moral e de dignidade, passando a considerar o ócio como pejorativo. Ainda, a importância do trabalho é destacada por Cattani (2000) ao afirmar que a sociedade capitalista exalta o trabalho como dever moral e assim o desemprego passa a assumir, também, grande relevância social. O desemprego é compreendido como um status social e não apenas como a ausência de atividades e de relações assalariadas.

A partir de um olhar mais crítico frente ao mundo do trabalho, Singer (1999) destaca como essencial pensar sobre as conceituações de “emprego” e “ocupação”, sendo que essa última passa a ser compreendida como qualquer espécie de atividade que venha a proporcionar sustento ao indivíduo que a exerce. Aquele, condiz com o assalariamento, situação em que o empregador compra de alguém a capacidade de produzir, sendo que esse está cada vez mais difícil de conquistar. Frente a isso, Castel (1998) postula que o trabalho assalariado é visto pela sociedade, mesmo que erroneamente, como a única forma de ocupação proveitosa que atribui aos indivíduos a sensação de utilidade.

2.2.2 Desemprego

O desemprego é um dos problemas mais preocupantes para a sociedade, visto o momento econômico do Brasil e do mundo afeta diretamente nos índices de emprego e desemprego, causando uma constante insegurança. Nesse contexto, cabe conceituar o desemprego, de acordo com a OIT (2007) - Organização Internacional do Trabalho, a qual considera desempregado todo indivíduo que atender aos seguintes critérios: - está sem trabalho; - tem disponibilidade de trabalhar; - procura trabalho assalariado ou autônomo em um período recente.

O DIEESE (2007) – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, conforme os dados a seguir, utiliza-se de uma definição que leva em conta diferentes situações do mercado de trabalho concernentes à pesquisa do desemprego:

Desempregados - São indivíduos que se encontram numa situação involuntária de não-trabalho, por falta de oportunidade do mesmo, ou que exercem trabalhos irregulares com desejo de mudança. Essas pessoas são desagregadas em três tipos de desemprego:

Desemprego aberto: pessoas que procuraram trabalho de maneira efetiva nos 30 dias anteriores e não exerceram nenhum trabalho nos sete últimos dias;

Desemprego oculto pelo trabalho precário: pessoas que realizam trabalhos precários - algum trabalho remunerado ocasional de auto-ocupação - ou pessoas que realizam trabalho não-remunerado em ajuda a negócios de parentes e que procuraram mudar de trabalho nos 30 dias anteriores ou que, não tendo procurado neste período, o fizeram sem êxito até 12 meses atrás;

Desemprego oculto pelo desalento: pessoas que não possuem trabalho e nem procuraram nos últimos 30 dias anteriores, por desestímulo do mercado de trabalho ou por circunstâncias fortuitas, mas apresentaram procura efetiva de trabalho nos últimos 12 meses.

Todos os trabalhadores que perderam ou vieram a deixar seus empregos, de acordo com Oliveira (2004), foram cruzados pela interrupção do trabalho em suas vidas. O autor destaca, também, que, entre outras razões, tal ruptura advém das transformações tecnológicas. Visto isso, supõe-se que o indivíduo tende a passar por um momento de crise, fato esse que se acentua enfaticamente, quando ocorre uma situação involuntária

de desemprego. Essa crise pode trazer crescimento psicológico ou uma deterioração, o que pode gerar, em maior ou menor grau, uma homeostase no indivíduo (Caplan, 1980).

Neste sentido, esse período de crise pode ser sinônimo de oportunidade de maturidade e melhores condições de saúde, mas em outras circunstâncias pode mostrar-se prejudicial devido à falta de habilidades para enfrentar os problemas. Surgem, dessa forma, indivíduos alocados ao desemprego e a aceitação de trabalhos precários produz reações no indivíduo no âmbito pessoal e profissional. O medo, o pânico e a constante insegurança são rastros do indivíduo que tenta, de alguma forma, acompanhar as metamorfoses das informações e das mudanças tecnológicas, sem parar de correr atrás do tempo perdido. Criam-se, assim, empregados e desempregados com forte sentimento de culpabilidade e medo (Estramiana, 1992).

Dessa forma, ocorrem mudanças no perfil do trabalhador que se encontra em crise do desemprego. Castel (1995) sinaliza que são três as principais questões da figura do trabalhador: a primeira delas diz respeito à desestabilização dos estáveis, já que não há mais certezas de estabilidade dentro do trabalho para ninguém; a segunda, condiz com a instalação da precariedade, sendo que devido à crise do desemprego, um grande número de indivíduos passa a trabalhar de forma precária para sobreviver; e o terceiro aspecto representa uma manifestação de déficit de lugares ocupáveis na estrutura social, sendo que fazem parte desta categoria indivíduos produtivos que não acompanharam a modernização e ficaram com pouca bagagem.

Dejours (1992) afirma que o desemprego detém uma imagem de negatividade na sociedade. Diante disso, depreende-se que o ócio é igualmente considerado, uma vez que se preconiza a capacidade produtiva. Nessa sociedade, observa-se que o *trabalho* é mais que trabalho e o *não-trabalho* é mais que desemprego (Chauí, 2000).

Isso posto, compreende-se que o medo impera tanto no ambiente de trabalho como do não-trabalho. Dejours (2000, p.33) afirma: “O trabalho atravessa profundamente a vivência da doença, doença – avesso do – trabalho, a tal ponto que a falta de trabalho torna-se um sinônimo de doença”. Consoante a isso, evidencia-se que o trabalho - ou a sua falta - e a doença estão intimamente relacionados. Forrester (1996) questiona se é útil viver, quando não se é lucrativo, considerando que o agravamento do desemprego estende-se à saúde física e mental, o que pode corroborar também com a morte social, privando o indivíduo de lucrar e consumir.

2.2.3 Desemprego e ensino superior

A tendência ao desemprego em todos os grupos de escolaridade está intimamente ligada a alguns fatores, por exemplo: à retração dos mercados determinada pela crise financeira; à tecnologia e às formas de gestão e organização; ao enxugamento da hierarquia e da base dos empregados por motivos de economia; à contínua expansão da população economicamente ativa urbana; e, ainda, à acirrada concorrência dos importados realizada por um segmento de empresas e à centralização do capital que torna difícil a permanência das lojas de fábricas, dos centros comerciais que vendem os produtos regionais e nacionais (DIEESE, 2007).

Nunes e Carvalho (2007) destacam que uma das exigências da educação superior é formar bons profissionais, sendo que a relação existente entre escolaridade e trabalho é pautada pela própria sociedade. Paro (1999) enfatiza que, em pesquisas de campo, quando se procura saber qual o lugar do ensino na sociedade, as respostas dos mais diversos segmentos envolvidos convergem para a questão do trabalho. O discurso amplamente disseminado é o de que a obtenção de diploma acadêmico torna-se, cada vez mais, indispensável para o ingresso no mercado de trabalho. Sem entrar no mérito desta argumentação, o fato é que as promessas feitas pela Universidade e/ou pela sociedade neste sentido são vãs, principalmente, no momento atual (Ferreira, 2004).

Pochmann (2001, p. 38) salienta que o desemprego vem atingindo a classe média, inclusive aqueles indivíduos de maior nível de escolaridade: "Isso invalida hipóteses que sustentavam que quem tinha qualificação não corria o risco de ficar sem emprego. Não há mais segmento social imune ao problema no país". Destaca também que o desemprego atual caracteriza-se por ser mais de natureza intelectual, vinculado à maior escolaridade e capacitação técnica do que de emprego de mão-de-obra com baixa qualificação.

2.2.4 Desemprego e saúde mental

Ferrara, Acebal e Paganini (1976) definem a saúde mental como a expressão de luta do ser humano perante os seus conflitos, procurando enfrentá-los, abrindo assim a perspectiva de um novo diálogo. A fim de elucidar os extremos, tanto para agravos à saúde como para a questão financeira, Lafargue (1999) propõe dicotomizar a sociedade, polarizando-a: de um lado os privilegiados e economicamente favorecidos, e de outro os desempregados, tênue linha que divide os homens entre eleitos e preteridos. Perante tal

divisão, os sujeitos privados de um trabalho passam a sentir-se inúteis, humilhados e ofendidos, pois o desemprego gera um doloroso processo de dessocialização progressiva que causa sofrimento psíquico, afetando diretamente a saúde mental (Wickert, 1999).

À luz da mesma perspectiva, Paugan (1991) enfatiza que o desempregado desenvolve sentimentos de culpabilidade, frustração e resignação, criando assim uma “identidade negativa”. Diante de tais sentimentos, esse indivíduo interioriza sua fragilidade, passando a considerar-se responsável pelo seu fracasso. O indivíduo desempregado, sem nenhum recurso financeiro, passa a não mais ter como usufruir, consumir e ostentar.

Quanto às conseqüências psicológicas do desemprego, alguns autores se propõem a estudá-las. Mostra-se imprescindível elucidar o conceito denominado Psicopatologia do Desemprego (Seligmann-Silva, 1994), na qual emergem distúrbios psiquiátricos. Contudo, o agravo da problemática do desemprego fica evidente, quando se admite a simples possibilidade de que a perda do emprego já pode desencadear um processo patogênico. A autora considera que o afastamento do trabalho sempre representa uma ruptura, uma perda e, então, sempre um sofrimento. Frente a isso, afirma Seligman-Silva (1994, p.274): Essa perda será caracterizada por sentimentos de temor e insegurança quanto ao futuro, tão mais fortes, quanto menores forem as perspectivas de encontrar, em curto prazo, um outro trabalho e, quanto menores forem às garantias de apoio financeiro.

Lima e Borges (2002) destacam que a situação de desemprego promove rompimento com as referências que conferiam o cotidiano do trabalhador. Dessa maneira, os vínculos sociais e familiares tornam-se simultaneamente prejudicados. As autoras afirmam que o trabalho sempre foi e ainda é central para o ser humano, e assim as reações do homem à sua condição de desempregado não são fruto somente das perdas materiais, mas sim, da impossibilidade de expressar-se e desenvolver-se no mundo.

Na mesma direção, Ranzijin (2001) afirma que a degradação causada pelo desemprego direciona às mais variadas faces da vida do indivíduo: crises familiares, retraimento ou complacência com a violência e o crime. Para os homens em especial, a auto-estima está muito ligada a estar empregado, conseqüentemente, estar desempregado afeta diretamente a estima.

No âmbito da pesquisa brasileira, Moura (2001) realizou um estudo para analisar as repercussões do impacto do desemprego sobre a subjetividade. Duas foram as

principais formas de repercussão do desemprego sobre os sujeitos: a dimensão material e a dimensão subjetiva. A primeira diz respeito às mudanças repentinas no consumo, provocando sentimentos de impotência e ansiedade. Já a dimensão subjetiva compreende sentimentos de esvaziamento, vergonha, inutilidade, perda e ausência de si mesmo. Nessa direção, Moura aponta como uma perspectiva mais positiva frente a situação de desemprego, a valorização de situações cotidianas que até então não eram reconhecidas. Nessa visão, o desemprego pode conduzir a um movimento saudável de reorganização da sua vida em geral.

A relação entre saúde e doença, segundo Arrazola e Mendes (1998), pressupõe que quanto maior o período de desemprego, mais elevados são os comprometimentos na saúde do indivíduo. A deterioração da saúde com prolongado desemprego proporciona o aumento do nível de ansiedade, sintomas depressivos, pessimismo, irritabilidade, oscilações de humor e pouca felicidade.

Similarmente, no âmbito da saúde, Stankunas, Kalediene, Starkuviene e Kapustinskiene (2006) investigaram as associações quantitativas entre a duração do desemprego e a depressão, com 429 sujeitos desempregados na Lituânia. A fim de verificar a severidade dos sintomas, utilizaram o Inventário de Depressão de Beck (BDI). Para tanto, os autores constataram que as pessoas desempregadas por um longo período apresentavam mais episódios de humor depressivo, quando comparadas com um grupo há menos tempo desempregado. Os resultados indicaram que a depressão é um problema severo na população desempregada, principalmente nas situações de longo prazo. Frente a tais constatações, os autores sinalizam a necessidade de esforços comuns a fim de propiciar o suporte social e o cuidado de saúde, necessários para reduzir os efeitos do desemprego na saúde mental.

Maharajh e Ali (2004) investigaram se o desemprego e o consumo de álcool estão associados com diferentes tipos de crimes em Trinidad e Tobago. Os resultados apontam que 69.2% dos crimes sérios estavam relacionados com o desemprego. Além disso, constataram que o desemprego e o álcool disponível para consumo em casa ocasionaram 92.2% da variação dos crimes menores. Contudo, acrescentam que pesquisas adicionais são necessárias naquilo que concerne à relação entre desemprego e crime. A contribuição da pesquisa encontra-se no fato de que, apesar de o desemprego e o álcool estarem associados ao crime em Trinidad e Tobago, o crime também pode ser o resultado de outros fatores, como pobreza (má nutrição, más condições de vida) e

desigualdade (má distribuição de renda), baixo nível de escolaridade, baixos salários e doenças mentais.

A associação entre pobreza, desemprego e violência encontra-se respaldada por uma pesquisa norte-americana (Straus & Smith, 1995). Essa pesquisa, ao comparar uma amostra de famílias, observou que naquelas cujo pai estava desempregado havia uma prevalência de maus-tratos contra a criança 50% maior do que naquelas cujo pai estava empregado. Tal contexto social e econômico de pobreza e desemprego é denominado, por Noronha e Soares (2001, p.446), como um quadro de “perversidade e complexidade acompanhado de um terrível incremento de desigualdades sociais e econômicas”.

Santos (2000) em sua pesquisa brasileira realizada com indivíduos desempregados utilizou-se do conceito de síndrome subjetiva pós-traumática de Dejours, para propor um novo e específico conceito referente ao desemprego na contemporaneidade: síndrome subjetiva do desemprego (SSD). Essa síndrome constituir-se-ia em uma coletânea de problemas funcionais que tomam conta daqueles que perdem seus empregos provocando insegurança, incerteza quanto ao futuro, medo, vergonha, culpa, desgaste, desânimo e desalento.

Ranzijn, Winefield e Price (2006) realizaram na Austrália uma pesquisa com adultos maduros desempregados, a fim de investigar a qualidade de vida e as expectativas quanto ao futuro desses indivíduos com idades a partir de 45 anos. O estudo demonstrou sentimentos de rejeição, humilhação, desmoralização, restrição às habilidades de comprar e socializar com colegas de trabalho, desesperança na capacidade de ainda conseguir desfrutar de algum luxo ou conforto, desespero em relação à questão financeira, conflitos nas relações familiares, preocupações com o futuro e decadência das habilidades. Além disso, os resultados dão conta de que o efeito da perda de contatos sociais é mais severo para pessoas desempregadas mais velhas comparadas com os jovens desempregados, já que a literatura indica que as pessoas tendem a desenvolver cada vez menos amizades com o aumento da idade. Constata-se, ainda, que existem questões singulares para as pessoas de meia idade, ou seja, expectativas frustradas sobre a aposentadoria, maior complexidade de responsabilidades familiares, crescente pressão para se preparar financeiramente para a aposentadoria e ameaça da auto-estima, resultante da possibilidade de nunca mais serem capazes de obter um emprego satisfatório.

Já no que diz respeito à organização do tempo, Caldas (2000) sinaliza que o aspecto da atemporalidade remete à situação na qual se encontra o desempregado hoje.

A falta de requisição e compromissos advindos da condição do desemprego pode gerar um excesso de tempo e redução de exigências no geral. Essa dificuldade para preencher o tempo por falta de atividade pode acarretar distintas reações tanto de natureza emocional, psicológica, física, comportamental, familiar, econômica, profissional e/ou social.

Afunilando as pesquisas sobre trabalhadores desempregados, Veiga e Silva (2007) construíram uma escala para avaliar as vivências de sofrimento psíquico e social desses sujeitos. A partir da análise fatorial dos itens da escala, as autoras fizeram emergir dois grandes fatores: sofrimento interno (vergonha, insegurança e tristeza) e sofrimento social (alterações no relacionamento familiar e exclusão social). Para tanto, destacam a precarização à qual os indivíduos estão submetidos e, assim, chamam a atenção para uma das áreas que o psicólogo pode vir a desenvolver-se como pesquisador e promovedor de saúde.

Nessa perspectiva, Arrazola e Mendes (1998) afirmam que existem duas faces inerentes ao desemprego: a vergonha e a defesa. A primeira diz respeito ao silenciar a dor, o sofrimento e o medo; já a segunda condiz com mecanismos defensivos para lidar com situações angustiantes, podendo o indivíduo achar como saída o alcoolismo e/ou a drogadição. O ápice de tais defesas é quando o indivíduo “constrói” sua loucura, observando-se atitudes neuróticas ou psicóticas. Tais descompensações psíquicas causadas pelo mundo do trabalho podem levar, por exemplo, ao suicídio.

Ao analisar questões mais subjetivas que atravessam os sujeitos que se encontram desempregados em longa duração, Monteiro et al. (2005), a partir de atendimentos psicológicos realizados pelo Núcleo de Excelência em Psicologia do Trabalho (NEPT) junto à agência FGTAS/SINE - São Leopoldo, constataram que o sofrimento psíquico foi facilmente identificado. Os depoimentos dos pacientes trouxeram à tona: a dificuldade de o tempo passar, o preconceito de ser taxado como preguiçoso ou vagabundo, a falta de perspectiva e o desespero diante da sua realidade.

Finalmente, a questão dos trabalhadores desempregados, com ensino superior, foi estudada por Borcsik (2006), ao investigar a presença de ansiedade e as estratégias de enfrentamento em executivos, após a quebra do vínculo empregatício. A partir de análises quantitativas, a autora concluiu que quanto mais ansiedade o sujeito apresentar maiores serão suas dificuldades para resolver problemas. Constatou, ainda, que os enfrentamentos baseavam-se em práticas religiosas e pensamentos fantasiosos, mas

verificou que quanto maior o tempo de desemprego menos os sujeitos utilizavam-se de tais práticas.

Similarmente, Castelhana (2006), em sua pesquisa de dissertação de mestrado, dando ênfase para indivíduos mais escolarizados, propôs uma interpretação psicanalítica a fim de analisar as implicações subjetivas do desemprego. A autora ressaltou a dimensão da problemática ao destacar que o trabalho e o desemprego não se limitam apenas ao conceito de autoconservação, mas também diz respeito ao processo de constituição e formação do laço social do sujeito no âmbito do pulsional e da libido, alertando para a desestrutura psíquica causada pela ruptura com o trabalho.

Compreende-se, a partir do exposto, que existem ainda terrenos férteis a serem estudados, uma vez que a minoria das pesquisas se preocupa em desvendar o porquê do desencadeamento de alguns sentimentos (Castelhana, 2006). A importância em produzir conhecimentos científicos na área da Psicologia, segundo Scarparo (2000), consiste em construir documentos históricos que poderão servir como referência para estudos posteriores. Além disso, destaca que a área da Psicologia ainda é um vasto campo que pode ser explorado, uma vez que se trata de um conhecimento há pouco tempo instituído, permitindo assim a coleta de dados diretamente com os próprios sujeitos da história.

Enfim, perante as considerações feitas, reitera-se a relevância da temática abordada no presente estudo, visando à compreensão do significado do fenômeno desemprego na saúde mental de indivíduos com maior escolaridade. Indivíduos esses com grau de instrução superior que investiram em sua intelectualidade e agora se encontram à margem do mundo do trabalho. Enfatiza-se, assim, que o propósito deste estudo, conforme a pesquisa qualitativa, consiste em descrever os processos pelos quais os seres humanos constroem seus significados, como também buscar respostas para perguntas que destacam o modo como a experiência social é criada e como lhe é atribuído determinado significado (Denzin & Lincoln, 2006).

2.3 Objetivos

- Analisar a vivência do trabalhador com ensino superior diante da situação de desemprego.
- Investigar a relação entre saúde mental e desemprego do trabalhador com ensino superior, em situação de desemprego.
- Compreender as estratégias adotadas por esses trabalhadores frente ao desemprego.

2.4 Método

2.4.1 Delineamento

A investigação científica, conforme Gazzaniga (2005), visa a descrever um fenômeno que acontece, quando isso acontece, o que o causa e por que isso acontece.

Para tanto, a presente pesquisa teve caráter qualitativo de cunho exploratório-descritivo. Pesquisas dessa natureza propiciam a obtenção de dados diretos e descritivos a partir da interação, a qual envolve uma abordagem naturalística e interpretativa perante seus conteúdos (Denzin & Lincoln, 2006). Isso significa que os pesquisadores que optam por essa metodologia investigam o fenômeno ao natural, de forma a dar um sentido ou interpretar os conteúdos nos termos que as pessoas os trazem.

Flick (2004) destaca que as reflexões do pesquisador, suas impressões e observações tornam-se dados em si mesmos, construindo assim parte da interpretação. De acordo com Minayo (2003), a abordagem qualitativa é aquela que se aprofunda no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatística. Portanto, a presente pesquisa não visa a generalizar as informações, mas sim, propõe o “aprofundamento e abrangência da compreensão do fenômeno em estudo” (Krawulski, 2004, p. 52).

2.4.2 Participantes

O número de participantes foi de seis sujeitos, sendo que o critério para a quantidade de respondentes foi a repetição das respostas, indicando a saturação das entrevistas. A saturação é o critério de finalização até que a inclusão de novos estratos não acrescente mais nada de novo ao estudo (Bauer & Gaskell, 2002). Foi realizado um

estudo piloto, com quatro sujeitos para avaliar a entrevista, sendo que esses não foram incluídos na pesquisa.

Os participantes, de ambos os sexos, foram selecionados a partir da análise das fichas preenchidas, em agências de emprego no norte do Rio Grande do Sul, as quais se enquadravam nos critérios de inclusão.

Os critérios de inclusão para os participantes do estudo foram:

- Indivíduos desempregados há mais de quatro meses, com ensino superior completo, na faixa etária compreendida entre 24 e 40 anos, que já tivessem tido alguma experiência anterior de trabalho e que tivessem preenchido uma ficha de emprego. A escolha desses participantes ocorreu por ser um estudo qualitativo, de cunho exploratório, no qual características de inclusão muito específicas podem deixar de lado variáveis que possam vir a ser relevantes na compreensão do fenômeno a ser estudado.

As informações descritivas dos seis entrevistados estão reunidas na Tabela 1:

Tabela 1: Características Descritivas dos Participantes

Participante	Sexo	Estado Civil	Filhos	Idade	Tempo de Desemprego	Formação
P1	Feminino	Solteira	Não	25	1 ano	Psicologia
P2	Feminino	Casada	2	40	1 ano e 7 meses	Administração; Pós-Graduada em Marketing; Cursando Direito
P3	Masculino	Solteiro	Não	23	5 meses	História; Pós-Graduando em História
P4	Feminino	Solteira	Não	24	7 meses	Tecnologia da Informação
P5	Feminino	Casada	1	31	1 ano	Pedagogia
P6	Feminino	Casada	1	33	8 meses	Enfermagem

2.4.3 Procedimentos de Coleta de Dados

Como instrumento de coleta de dados foi utilizada uma entrevista semi-estruturada, em profundidade, a qual foi gravada e realizada na própria agência de emprego. Minayo (2003) destaca que esse tipo de entrevista serve para facilitar a ampliação e o aprofundamento da comunicação entre os sujeitos envolvidos.

Utilizou-se um roteiro norteador de entrevista semi-estruturada (Apêndice A), o qual foi elaborado pela pesquisadora, com questões abertas, respaldada em concepções atuais sobre a temática, a fim de analisar a relação entre condições de saúde mental e situação de desemprego. Conforme referido anteriormente, sucederam algumas entrevistas piloto realizadas pela pesquisadora com vistas a avaliar o roteiro e a reformulação de algumas questões, refinando a harmonia entre as perguntas e os objetivos da pesquisa.

2.4.4 Procedimentos Éticos

Quanto aos procedimentos éticos, o trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unisinos (Apêndice C), de acordo com a Resolução nº. 016/2000, que dispõe sobre a pesquisa em Psicologia, com seres humanos. Os participantes receberam explicações sobre todos os procedimentos da pesquisa, assim como a respeito da manutenção sigilosa da sua identidade. Também foram informados de que não haveria riscos ou danos aos participantes, sendo que foi disponibilizada uma devolução individual da entrevista, após conclusão da pesquisa. Ao aceitarem participar do estudo, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B). Conforme foi previsto no Termo de Consentimento, caso necessário seriam feitos encaminhamentos. Assim, constataram-se dois casos de agravos significativos na saúde mental, para os quais foram feitos encaminhamentos. Contudo, um destes participantes já estava fazendo tratamento psiquiátrico e o outro estava aguardando ser chamado para atendimento psicológico no serviço público de saúde.

2.4.5 Procedimento de Análise dos Dados

As entrevistas, após sua transcrição na íntegra, foram tratadas qualitativamente por meio da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977). O material foi analisado a partir do estabelecimento de categorias, conforme os temas que surgiram na entrevista. A análise categorial compõe-se um conjunto de técnicas de análise de comunicação

visando a obter indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens. A análise de conteúdo conforme Franco (1994) é um procedimento de pesquisa, dentro de uma abordagem metodológica crítica apoiada numa concepção de ciência que reconhece o papel ativo do sujeito na produção de conhecimento.

A análise foi organizada em três etapas distintas: a) pré-análise: fase de organização e sistematização das idéias, em que ocorre a escolha dos documentos a serem analisados, a retomada das hipóteses e dos objetivos iniciais da pesquisa em relação ao material coletado e a elaboração de indicadores que orientam a interpretação final; b) exploração do material: trata-se da fase em que os dados brutos do material são codificados, para se alcançar o núcleo de compreensão do texto. A codificação envolve procedimentos de recorte, contagem, classificação, desconto ou enumeração em função de regras previamente formuladas; c) compilação dos resultados obtidos com a respectiva interpretação: de posse dessas informações, o investigador coloca suas inferências e realiza suas interpretações, de acordo com o quadro teórico e os objetivos propostos, ou identifica novas dimensões teóricas sugeridas pela leitura do material (Bardin, 1977).

2.5 Resultados e Discussão

Os resultados foram organizados conforme os cinco temas da entrevista, assim denominados: *1) significados do trabalho; 2) desemprego e saúde mental; 3) desemprego x escolaridade; 4) estratégias de enfrentamento e 5) perspectivas futuras.* Em cada um desses campos uma série de categorias é agrupada, conforme Tabela 2, sendo que todas as categorias e suas respectivas subcategorias contemplam os objetivos do estudo.

Tabela 2: Descrição das Categorias

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA
Trabalho	Significados do Trabalho	Valorização Pessoal Remuneração Centralidade Utilidade
	Sentimentos frente ao desemprego	Inutilidade Impotência e incapacidade Infelicidade Autocobrança e culpabilização
	Adoecimento Físico	Alterações no peso Insônia Sintomas diversos
Desemprego x Saúde Mental	Tempo livre do desempregado	Procurar emprego Angústia e falta de vontade
	Mudanças no contexto de vida	O não consumo Decadência e vergonha dos outros
	Reação das pessoas	Cobrança da família Apoio da família Palavras de conforto
	Vivências positivas do desemprego	Convívio familiar Amadurecimento
Desemprego x Escolaridade	Aspectos negativos da escolaridade	Investimento sem retorno Decepção Ilusão frente à faculdade Perda de oportunidades Omissão da escolaridade
	Dificuldade de re-ingressar	Desempregado devido à área de formação Tentativas sem sucesso
Estratégias	Estratégias de enfrentamento	Busca por identificação “Bicos” como forma de remuneração Aceitação de trabalhos em qualquer área Estudar para concurso público
Futuro	Perspectivas futuras	Dúvidas quanto ao rumo a seguir Desesperança Esperança de trabalho

Temática: Trabalho

Categoria: SIGNIFICADOS DO TRABALHO

Os participantes abordaram o significado e a importância do trabalho em suas vidas em quatro elementos: valorização pessoal, centralidade do trabalho, utilidade e remuneração. De acordo com Tolfo e Piccinini (2007) existem autores que discorrem predominantemente frente ao estudo da temática significados do trabalho (MOW, 1987; Borges, 1999). O Grupo MOW- Meaning of Work International Research Team (1987) identifica três variáveis utilizadas para analisar os significados: centralidade do trabalho, normas sociais sobre o trabalho e resultados valorizados do trabalho.

O trabalho significa, para os participantes entrevistados, a forma de viver e conseqüentemente proporciona a aquisição material. Dejours (2004, p.28) ressalta a importância ao explicitar que o trabalho é aquilo que implica diversos gestos, sendo eles: “o *saber-fazer*, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações; o poder de sentir, de pensar e de inventar, etc.”

Valorização Pessoal

A presente categoria retrata a contribuição pessoal do indivíduo e conseqüente sentimento de valorização em relação ao próprio trabalho. Os participantes relataram ainda que o trabalho oportuniza o contato com as outras pessoas. Observam-se sentimentos de prazer em relação ao trabalho, sendo que a valorização é o sentimento de que o trabalho tem sentido e valor por si mesmo (Mendes & Tamayo, 2001).

“O trabalho, para mim é uma parte de meu crescimento pessoal (...) é ser valorizada (...)” (P1).

“A valorização é a conseqüência [do seu trabalho]: eu estou trabalhando, estou sendo valorizada.” (P1).

“(...) é, acima de tudo a valorização e o contato com as outras pessoas.” (P3).

Centralidade

Constatou-se que mesmo na situação de desemprego o trabalho é uma categoria fundante do ser humano e de suas formas de sociabilidade (Coutinho, Krawulski & Soares, 2007). Portanto, o trabalho é considerado uma questão central. A centralidade do trabalho foi ressaltada em relatos, como, por exemplo:

“Trabalhar nossa! Significa tudo, futuro, força de vontade, dinamismo (...) tem sentido de vitória.” (P4).

“É, acima de tudo felicidade (...)” (P3).

“(...) trabalho é a minha vida.” (P8).

Utilidade

Na medida em que o trabalho tem importância e sentido tanto para o trabalhador, quanto para a empresa, ele proporciona o sentimento de utilidade, advindo do reconhecimento de que o indivíduo que o executa realmente tem relevância. O sentir-se útil designa a atribuição dada pelos participantes em relação ao trabalho.

“(...) [Trabalhando] Se sente mais útil, sabe. Mais segura, mais... confiante... Se sente melhor.” (P6).

“(...) Tem uma questão de você se sentir útil.” (P8).

Remuneração

A recompensa financeira advinda do trabalho assegura a sobrevivência material e é associada pelos participantes à perspectiva de autonomia e independência do trabalhador, como é possível observar nas falas a seguir:

“Sentimento de independência (...)significa que eu também vou receber.” (P1).

“(...) é tu vender a tua mão-de-obra em troca de um salário.” (P3).

“(...) é importante você se sentir assim... tu ganha o teu dinheirinho, tu pode comprar o que quiser, tu pode pagar tuas continhas.” (P6).

Temática: DESEMPREGO E SAÚDE/ADOECIMENTO MENTAL

A saúde mental, para Dejours, Dessors e Desrioux (1993, p. 101), serve como referência para o presente estudo, representa:

A saúde mental não é, seguramente, a ausência de angústia, nem o conforto constante e uniforme. A saúde é a existência da esperança, das metas, dos objetivos que podem ser elaborados. É quando há o desejo. O que faz as pessoas viverem é o desejo, e não só as satisfações. O verdadeiro perigo é quando o desejo não é mais possível.

Cabe salientar que, de acordo com a definição, a saúde não só representa a ausência de doenças, sendo assim agruparam-se as subcategorias de adoecimento físico, sentimentos e a ociosidade como manifestações que corroboram com a perspectiva de saúde mental.

Categoria: SENTIMENTOS FRENTE AO DESEMPREGO

A dispensa abrupta do mercado de trabalho desencadeou sentimentos diversos nos participantes referentes às suas identidades individuais. Dejours (2003) afirma que o sofrimento causado pelo desemprego provoca um processo de dessocialização, tornando os trabalhadores desempregados vulneráveis às doenças físicas e mentais.

Inutilidade

Constata-se que a perda do emprego tem implicações não somente na esfera da remuneração, mas sim, traz conseqüências para a auto-estima do trabalhador. O sentimento de inutilidade foi mencionado pelos entrevistados como fonte de sofrimento e de dor. Castel (1998, p.578) destaca essa dor: o trabalho “continua sendo uma referência não só economicamente, mas também psicologicamente, culturalmente e simbolicamente dominante, como provam as reações dos que não o tem”.

“(...) eu estou me sentindo uma inútil (...) parece, assim, que entrou uma facada (...).” (P1).

“É péssima, a situação parece que tu é uma pessoa assim que não serve para nada.” (P4).

“(...) me sinto meio inútil (...) a minha vida era a mil, agitada, sabe, isso me recompensava muito.” (P5).

Impotência e incapacidade

O desemprego abala o sujeito e o valor subjetivo que o trabalhador atribui a si mesmo, causando, certamente, sentimentos de menos-valia. Entre os sentimentos do trabalhador desempregado está a impotência e incapacidade, cuja sensação de vulnerabilidade e fragilidade está expressa.

“[Não ter mais um trabalho para ir] Significa um sentimento de impotência.” (P3).

“(...) Diante de tanta dificuldade, tu se sente incapaz.” (P6).

“(...) parece que te olham assim, tu é um perdedor, tu é um fracassado.” (P4).

“(...) para mim tá complicado, eu quero ter filhos, ter uma estabilidade, tudo isso tá abalando bastante meu emocional, eu não era assim.” (P5).

Infelicidade

Através do sentimento de infelicidade advindo do desemprego pode-se perceber que a felicidade reside, para esses participantes, no fato de estarem trabalhando, conforme depoimentos abaixo:

“(...) antes eu tinha uma felicidade, que, agora, eu não tenho.” (P3).

“Me bateu uma depressão muito forte. Eu tive muito, muito forte. Eu tive que tomar medicação, procurar um psiquiatra (...).” (P6).

“(...) tu deitar na cama, assim, e lembrar que tu está desempregado, que tu não tem um salário, que tu não tem uma segurança no final do mês (...) eu não consigo estar num nível de felicidade que eu estaria, por exemplo, se eu estivesse trabalhando” (P3).

Autocobrança e culpabilização

A exclusão da sociedade, devido ao desemprego, mostra-se um tanto difícil e manifesta-se através da culpabilização individual dos próprios excluídos (Codo, 2000). O desemprego é encarado como deficiência profissional do próprio trabalhador que se sente culpado por não conseguir manter seu posto de trabalho ou se cobra por não encontrar um novo emprego. Os participantes cobram-se diante da situação e, com isso, impera o sentimento de culpa:

“(...) eu já tinha que estar fazendo alguma coisa (...).” (P1).

“(...) já podia ter feito, ao menos, a especialização; talvez eu fosse conseguir um emprego.” (P1).

“(...) nesse um ano e pouco em casa, em consequência de ser demitida eu não me achava merecedora de fazer certas coisas – me achava suja, entende?” (P2).

“Eu estava me sentindo culpada, até porque eu estava indo bem; eu podia ter continuado [referindo-se ao seu último emprego].” (P1).

“Eu me culpo bastante. Eu não posso, não devo chorar, eu acho que tem coisa mais importante do que estar chorando.” (P4).

Categoria: ADOECIMENTO FÍSICO

Ficou evidente que a situação de desemprego interfere diretamente nas condições de saúde física do trabalhador desempregado. A vulnerabilidade causada pelo

desemprego deixa o indivíduo à mercê de diversas sintomatologias que podem agravar-se concomitantemente com o prolongamento do período de desemprego.

Seligmann- Silva (1994, p.80) alerta que os desempregados são acometidos por uma “fadiga crônica ou fadiga patológica marcada, não apenas pelo cansaço que não cede ao sono diário, mas também pelos distúrbios do sono, pela irritabilidade, pelo desânimo e, às vezes, por dores diversas e perda de apetite”. Constatou-se, conforme as categorias abaixo, uma variedade de sintomas negativos para a saúde do desempregado.

Alterações no peso

A temática alterações no peso foi expressa na totalidade das entrevistas. O ato de comer pode ser decifrado como uma forma de eliminar a angústia interna com a falsa ilusão de que a saciedade irá tranquilizar a pessoa.

O fato de alguns participantes aumentarem significativamente o peso pode pressupor a angústia que leva a preencher o tempo livre comendo, buscando de alguma forma aliviar a tensão. Ao contrário, há aqueles participantes que relataram a redução do peso, na qual também fazem analogia da perda de peso com a ansiedade do momento que vivenciam.

“(...) eu saí [do seu último emprego] com 47 quilos. Agora eu estou com 57 quilos (...) engordei 10 quilos.” (P2).

“(...) comecei a comer mais, até engordei, estou com 4 kg a mais ... estou com vontade de comer, muita ansiedade às vezes (...) o meu único vício é o chocolate (...) eu vou para a cozinha e faço uma panela de negrinho e como.” (P5).

“Eu tive diminuição de peso, emagreci 4 kg (...) assim, eu vou fazer uma refeição e estou sempre nervosa, não passo para os outros, mas para mim tô sempre nervosa, como e depois estou com dor de estômago (...).” (P4).

“(...) eu pesava 53 quilos. Daí, esse ano, eu já estou com 47... Eu vejo que eu estou bem ansiosa... Nossa daí eu emagreci (...) não consegui mais voltar ao peso normal.” (P1).

“(...) eu emagreci muito... Eu fiquei mal, mal. Eu fui parar no hospital; eu fiquei internada durante duas semanas [um mês depois que saiu do emprego].” (P6).

Insônia

A insônia relatada pelos entrevistados é o fruto de uma preocupação incidida da situação profissional em que se encontram, ou seja, desempregados. As dificuldades relacionadas ao sono derivam dos intensos e constantes pensamentos sobre trabalho e desemprego. Certamente a insônia durável tende a levar esses indivíduos a uma diminuição da sensação de bem-estar durante o dia, causado pela falta de sono necessário durante a noite.

“Agora estou dormindo muito tarde, porque daí estou sem atividade, então tu fica acordada, fica agitada (...) Acordo de madrugada; tem vezes que eu vou tomar água. Senão eu não consigo me acalmar.” (P1).
“(...) durmo pouco, tu fica pensando (...) Acordo no meio da noite, de madrugada (...) Trabalho, trabalho, trabalho... fico pensando aonde que eu posso entregar currículo, quanto tempo vai demorar.” (P4).

Sintomas diversos

Os participantes citaram variadas sintomatologias que brotaram com a situação de não-trabalho. Nessa perspectiva pode-se perceber diversas seqüelas do desemprego para o trabalhador. As queixas vão desde distintas dores até a dificuldade em respirar.

“(...) eu tenho bastante dor de estômago (...) qualquer coisa já me dá dor de cabeça (...) meu estado imunológico, dor de garganta (...) até na minha menstruação semana passada trancou e não vinha.” (P1).
“(...) uma dor no peito, às vezes tipo uma pontada (...).” (P5).
“Eu vou caminhar para ficar calma, mas já vou tensa. Então... eu não consigo respirar muito bem (...) Qualquer coisa, eu já estou “meia” tensa, assim, eu vejo que eu fico tremendo.” (P1).
“(...) chega de manhã, eu acordo cedo, cansada, dor nas pernas... acordar de manhã com a sensação de que caminhou a noite inteira.” (P5).

Categoria: TEMPO LIVRE DO DESEMPREGADO

Já se sabe que o trabalho instaura a realidade e a temporalidade para o trabalhador. De acordo com Enriquez (1999, p. 79), “quando não temos temporalidade, não sabemos mais quem nós somos nem o que temos a fazer”. Assim, a atemporalidade

remete para a falta de exigências e compromissos cotidianos que podem produzir a sensação de um tempo desperdiçado.

A ociosidade é mencionada por alguns entrevistados como algo sem sentido, uma vez que o tempo livre que resulta do desemprego é um ócio forçado, ou seja, uma “ociosidade involuntária daqueles que estão dispostos a trabalhar e não encontram quem os empregue” (Houaiss, 2001).

Procurar emprego

Ficou evidente que a procura por emprego é o que mais preenche o dia-a-dia do trabalhador desempregado. Para a sociedade, procurar emprego é o único papel legitimado ao desempregado, sendo que procurar e não encontrar é o fato mais comum entre os entrevistados.

Diante dessa perspectiva, vale destacar, conforme Forrester (1996, p.14):

Continuamos com rotinas bem estranhas. Não se sabe se é cômico ou sinistro, por ocasião de uma perpétua, irremovível e crescente penúria de empregos, impor a cada um dos milhões de desempregados e isso a cada dia útil de cada semana, de cada mês, de cada ano a procura "efetiva e permanente" desse trabalho que não existe. Obrigá-lo a passar horas, durante dias, semanas, meses e, às vezes, anos *se* oferecendo todo dia, toda semana, todo mês, todo ano, em vão, barrado previamente pelas estatísticas.

Assim, os depoimentos abaixo demonstram a procura por um emprego:

“eu sai do hospital [seu último trabalho] numa sexta-feira, na segunda-feira já comecei a procurar emprego (...) eu passo o dia todo, todo o dia tu vai ver eu na rua com minha pastinha procurando emprego (...) Faço os meus currículos, minha pastinha sempre cheia de currículos daí eu vou, hoje já não sei nem aonde entregar, às vezes eu paro e penso, ainda em que empresa não entreguei o currículo, daí eu vou passando, vou deixando.” (P4).

“Hoje o meu dia-a-dia é imprimir currículo e correr atrás de emprego todos os dias. O que aparecer, eu estou pegando (...) largo o currículo hoje, semana que vem eu passo na empresa de novo, entendeu, para ver como é que está.” (P7).

“[Referindo-se ao dia-a-dia] Procurado emprego nas horas de folga [risos].” (P3).

“(…) [Dia-a-dia] quando eu não saio para fazer alguma entrevista, ou, às vezes, levar currículo (…)” (P8).

“(…) Meu dia é sair para procurar emprego. Se eu não sair, eu me sinto mal, porque fico parado. Então eu sempre estou na rua, sempre estou correndo atrás (…)” (P7).

Angústia e falta de vontade

Angústia, desânimo e falta de vontade se tramam no tempo livre dos participantes. A ociosidade involuntária leva ao sentimento de vergonha, fazendo com que o indivíduo evite, mesmo que em seu imaginário, o julgamento dos outros. A evitação acaba por isolar a pessoa do contexto social, gerando angústia.

“Fico dentro de casa, estressada e angustiada (…)” (P1).

“O tempo passa, mas eu não vejo (…). Já começou o ano e eu estou parada. Então, isso também angustia um monte. É o dia que passa, mas tu não... Tu vê que tem gente indo, e tu está ali”. (P1).

“(…) a vontade de fazer as coisas, por exemplo, tu fica em casa, não tem nada para fazer, tu sai na rua tu fica perdida, às vezes que não tem vontade de fazer as coisas.”(P4).

“(…) não tenho vontade de falar com as pessoas, sabe é um esforço para mim.” (P5).

“(…) acordar de manhã, não ter vontade de levantar da cama (…).” (P5).

Categoria: MUDANÇAS NO CONTEXTO DE VIDA

O novo contexto de vida requer adaptações perante as distintas situações. A subcategoria que versa sobre a restrição do consumo representa o ajustamento que se fez necessário com a vivência do desemprego, basicamente pela perda do rendimento. Além disso, ocorre também uma modificação no status social, exigindo desse trabalhador novas maneiras de lidar com a situação.

O não-consumo

Com o desemprego esvanece a função social do trabalho frente às garantias de sobrevivência e recompensa financeira, sobremaneira ocorre um rebaixamento do padrão de vida para patamares inferiores, manifestando-se pela supressão de lazeres e redução de despesas.

Contudo, não há como não trazer à tona o sofrimento causado pela afronta do desemprego perante uma sociedade de consumo. As aceleradas mudanças, no mundo atual, requerem dos sujeitos constantemente a identificação e o consumo de algo novo, inédito. Entretanto, como ficam essas pessoas desempregadas que se situam à margem dessas possibilidades propostas pela sociedade que instigam todo o tempo ao consumo?

À luz das considerações de Bauman (2005), prolifera, dessa forma, um considerável contingente de refugados, excluídos do acesso aos bens de consumo. Trata-se, portanto, do que Bauman (2005) denominou de vidas desperdiçadas: “Ser um indivíduo numa sociedade de indivíduos custa dinheiro, muito dinheiro” (Bauman, 2007, p. 37). Frente a isso pode-se observar nos depoimentos abaixo a restrição dos participantes aos referidos consumos:

“(...) nada mais de jantar fora, ir no cinema, levar as crianças no shopping, essas coisas, nada.”(P2).

“(...) sou apaixonada por perfume. Ah, mas daí como é que tu vai comprar um perfume importado? Não tem como.” (P2).

“(...) mudou um pouco porque o cara não pode sair quando não tem dinheiro.” (P3).

“(...) quando eu tava trabalhando eu fazia academia, fazia inglês, agora parei tudo.” (P4).

“(...) eu sempre tive minhas coisas, sempre adquiri minhas coisas, tive apartamento, tudo. Fui vendendo (...) o meu padrão de vida caiu. Até agora eu não consegui levantar, mas estou correndo atrás.” (P7).

“(...) a gente diminuiu bastante as nossas saídas. Sair, comer uma pizza, a gente diminuiu bastante. Sair, ir num barzinho, numa festa, numa balada...” (P8).

Decadência e vergonha dos outros

O lugar do desempregado, na sociedade, tende a evidenciar uma posição de menor prestígio, desviante, não fornecendo o sentido de pertença ao social (Caldas,

2000). Frente a isso, a vergonha, de acordo com Forrester (1996), é expressa pela perturbação do processo de identidade que coloca o sujeito numa confusão mental entre o olhar dos outros e o seu próprio olhar. Devido à importância que o trabalho assume na sociedade, Cattani (2000) salienta que o desemprego é visto pelos outros como um “status social” e não apenas como a ausência de atividades assalariadas.

Os relatos a seguir externam experiências constrangedoras para os participantes que estão na situação de desemprego. Essa situação de vergonha passa a ser evitada, favorecendo um processo de isolamento e evitação social.

“(...) tu saí e perguntam: Ah, e daí, como é que tu tá? Pois é, não estou trabalhando. Daí diz: A fulana já está lá, tá fazendo tal coisa... (...)bate aquele sentimento de decadência”. (P1).

“(...) começo a pensar na minha formação, nas minhas colegas que a maioria está trabalhando.” (P5).

“(...) Me sinto mal, sabe, diante das pessoas sabendo que está desempregada... A pessoa se sente mal, sabe; quando tu não consegue teus objetivos. Tu pensa, assim: o que vão falar, o que vão dizer.” (P6).

Categoria: REAÇÃO DAS PESSOAS

A notícia do desemprego afeta diretamente a relação com as pessoas mais próximas, principalmente a família do trabalhador que ficou desempregado. As reações dos outros tornam-se ambivalentes, sendo que os mesmos que cobram também apóiam o desempregado. A dificuldade em lidar com esse momento tão vulnerável também é evidenciada por aqueles que convivem com o desempregado, demonstrando por vezes um misto entre a discórdia e o subsídio.

Cobrança da família

A situação de desemprego pode ser considerada como um momento de crise, tanto para a pessoa afetada como para sua família e o ambiente social no qual ela está inserida. Frente a isso, ficou evidente que a família dos entrevistados denota uma preocupação com a situação e a expressa, de acordo com os entrevistados, como uma pressão psicológica na forma de questionamentos, conforme abaixo:

“Qualquer briga que eu e a minha mãe... a gente briga ali, ela já cobra: Por que tu não está estudando? Qualquer briga tem a cobrança” (P1).

“(...) a mãe, ou a irmã, querem saber: “E aí, arrumou um emprego? Conseguiu alguma coisa?” Daí tu fala: “Ainda não consegui nada”.
(P3).

“(...) toda a semana minha mãe, minha tia e meu irmão ligam, e dizem: oi, tudo bom? E aí, já arranhou emprego? A segunda pergunta é fatal.”
(P5).

Apoio da família

Os participantes referem que recebem apoio moral e financeiro da família perante a situação de desemprego. Diante desse contexto, a família representa um fator importantíssimo para o desenvolvimento de um suporte para o indivíduo que se encontra desempregado. A família, para Lansberry (1992), significa um fator de grande influência para o indivíduo, com as condições de oferecer apoio para sua adaptação e equilíbrio frente à nova situação. A família representa um ponto de ajuda emocional, compreensão e sustento material para os participantes desempregados:

“(...) a minha mãe me ajuda; tanto é que é ela, sempre, que está na minha frente (...) assim me sinto segura.” (P1).

“Minha família me apóia assim, eles me tranqüilizam (...).” (P4).

“Meu marido ele tem muita paciência comigo, ele me apóia muito, quanto eu estou nas minhas crises, ele conversa muito comigo (...).”
(P5).

“(...) a gente tem recebido muito apoio de todos que estão ao nosso redor... apoio e cobrança também.” (P8).

“O pai vai pagar a escola das crianças. Gente, foi um horror para mim ter que aceitar. Achava horrível. Eu fiquei dois ou três meses, assim, que ele me dava o dinheiro, eu recebia (...) me sentindo mal, mas mal.”(P2).

“(...) a gente recebe bastante ajuda financeira tanto da família da minha esposa como da minha família (...).” (P8).

Palavras de conforto

A partir das verbalizações dos participantes, observam-se referências à forma como os outros reagem ao saber de seu desemprego, utilizando-se de palavras de conforto e conselhos. Os outros se sensibilizam e buscam, de alguma forma, confortar a pessoa desempregada, expressando um misto de sentimentos de pena, auxílio e empatia.

“Ah, então tá, se eu souber alguma coisa, eu te aviso”. (P1)

“(...) não necessito e não gosto muito, tipo assim: “Pobrezinho, tu vai conseguir, não te preocupa. Vamos lá. Fé. Pensamento. Força da atração ou logo, logo, tu consegue um emprego.” (P3).

“Dizem que não está me faltando nada, então é para mim ter calma. Só que para mim é difícil”. (P1).

Categoria: VIVÊNCIAS POSITIVAS DO DESEMPREGO

Certamente as vivências do desemprego são profundas e marcantes, algumas até irreversíveis. Contudo, alguns participantes encontraram nessa situação algumas mudanças positivas em suas vidas. Ainda que raro, declararam que, após o desemprego, ocorreram alterações de cunho positivo no seu cotidiano, ou seja: um maior convívio com a família e o próprio amadurecimento. Constata-se que os efeitos da privação do emprego nos modos de vida de alguns participantes proporcionaram benefícios à saúde mental, portanto, as experiências do desemprego não se abreviam ao negativo ou ao sofrimento, são diversas, singulares e únicas.

Convívio familiar

Frente ao estigma do desemprego, os participantes constataram que o convívio familiar sofreu alterações positivas, desencadeadas pelo desemprego, seja pela melhora nas relações ou por uma maior participação da família na vida do desempregado.

“(...) em compensação, eu tive, assim, qualidade de vida com os filhos, que eu não tinha.” (P2).

“(...) eu me aproximei muito mais também da minha família – pai, mãe e irmãs. Porque, até então, eu só dava, dava, dava. E agora, com essa troca, foi muito... foi muito, assim, salutar, porque eles também começaram a participar da minha vida.” (P2).

Amadurecimento

A instabilidade profissional resulta num sofrimento psíquico que pode derivar em amadurecimento e crescimento psicológico, conforme as condições do sujeito. Alguns participantes mencionaram um amadurecimento decorrente da situação de restrição financeira.

“Eu acho que eu amadureci um pouquinho mais (...) quando tu passa por tantas coisas difíceis, tu acaba amadurecendo.” (P6).

“eu comecei a ter mais consciência dos gastos (...)passa a ter mais valorização do emprego que você tem. Não, por qualquer coisa: Ah, vou sair agora para conseguir outro emprego.” (P8).

Temática: DESEMPREGO X ESCOLARIDADE

Felisberto (2001) traz à tona que o diploma universitário não é mais uma garantia de emprego devido às elevadas taxas de desemprego entre a população com ensino superior. Perante tal situação, buscou-se investigar a posição dos participantes frente a real situação: tenho estudo, mas não tenho emprego. Pode-se perceber que os sujeitos pontuam diversos aspectos indigestos da escolaridade superior, como também as dificuldades encontradas na tentativa de re-ingressar no mercado de trabalho.

Categoria: ASPECTOS NEGATIVOS DA ESCOLARIDADE

Os sujeitos entrevistados ressaltaram o investimento financeiro sem retorno, a decepção, a ilusão, a perda de oportunidades e a omissão da escolaridade como dilemas relacionados com o “desemprego do diplomado”. Averigua-se que as subcategorias que serão apresentadas evidenciam fatos que contrariam muitas das expectativas relativas aos investimentos que foram realizados na escolarização.

Investimento financeiro num curso superior sem retorno

A falta do retorno financeiro que esperavam obter com o ensino superior constitui uma das críticas que os participantes fazem, por vezes, até com arrependimento do investimento feito.

“(...) investiu na faculdade... e hoje em dia tu conseguir ganhar 1.500 reais é muito difícil. Bom, a gente vê pessoas, assim, com formação até melhor do que Administração – farmacêutico ganhando 1.100 reais, e pagavam 900 reais de faculdade.” (P2).

“(...) tu gasta bastante e tu não tem retorno, tu entende, ai tu vê pessoas que estão fazendo cursos profissionalizantes, um ano meio... e estão ganhando mais do que você que faz quatro anos de faculdade (...) já pensei, assim, se tivesse feito [curso profissionalizante] estaria ganhando mais do que fazer uma faculdade.” (P5).

“(...) pra te falar a verdade eu não deveria nem ter feito essa faculdade. Não que eu não tenha gostado (...) se eu tivesse pego aquele dinheiro que eu gastei na minha faculdade, e investido em outra coisa, eu teria ganhado muito mais.” (P6).

Eu já pensei... se eu tivesse investido esse dinheiro que eu gastei na faculdade num curso técnico (...) eu acho que estaria melhor (...) batalha cinco anos, e, chega no final e não exerce a profissão.” (P7).

Decepção

Como refere uma participante *“parecia que o desemprego só acontecesse em classe mais baixa”*, contudo a restrição ao mundo do trabalho não está alocada nas camadas mais pobres da população, visto que este processo atinge todas as classes sócioeconômicas. Ainda, os trabalhadores expressam o desapontamento causado por estarem desempregados, mesmo que com uma formação universitária.

“Meu Deus, o que adiantou estudar cinco anos? Estou aqui me sentindo assim...”. (P1)

“(...) sempre gostei de estudar, me dediquei sempre ao estudo, e me capacitei bastante para o trabalho. Infelizmente, você vê que... depois de tudo isso feito, não vale muita coisa.” (P8).

“(...) ao mesmo tempo que eu tinha orgulho de estar formada, agora... né, tipo, estou desempregada. Porque, uma vez, quando escutava: “Ah, fulano está desempregado.” Dizia: “Ah, meu Deus”. Parecia que a coisa... acontecesse, assim, mais na classe baixa mesmo (...) agora eu estou nessa situação (...) só que eu não imaginava que eu seria uma das desempregadas.” (P1).

“Na realidade, tu ter, hoje, uma pós-graduação, e não ter pós-graduação, é mais ou menos a mesma coisa (...) a faculdade também se popularizou (...) não te abre mais muitas portas.” (P2).

“É uma frustração muito grande, eu fiz faculdade particular, busquei todo meu futuro, sempre trabalhei sabe... na faculdade tu tem uma expectativa que depois que tu te forma, que sai de um emprego e que vai surgir outros (...).” (P5).

O ensino superior pode não assegurar empregos, mas, de acordo com Paiva (1998, p.11):

Essencial para que o indivíduo encontre nichos nos quais possa ganhar a vida, para que eventualmente entre no mercado formal de emprego, combine atividades formais e informais ou, ainda, parta para o pequeno empreendimento ou se refugie exclusivamente na informalidade.

Destaca-se que a escolarização acaba gerando expectativas que a realidade não satisfaz. Verifica-se certo descrédito por parte dos sujeitos entrevistados em relação ao ensino superior, uma vez que tinham a concepção de que cursar uma faculdade seria sinônimo de ter trabalho.

“(...) essa época de faculdade é a melhor época que tem... os professores te passam um a imagem que formado vai arranjar emprego, nunca vai ficar desempregada (...).” (P5).

“Toda faculdade é sinônimo de emprego. Você entra lá pensando que você já vai sair empregado ou já quase trabalhando. Pelo menos eu pensava isso (...).” (P7).

“(...) todo mundo, na faculdade mesmo, cria aquilo: Vocês vão se formar e vão achar um emprego.” (P1).

Perda de oportunidades para pessoas menos escolarizadas

Além de todo o investimento feito na faculdade como garantia de trabalho, os participantes deparam-se com situações nas quais perdem vagas ou nem passam a concorrer para estas, devido ao grau de instrução. A escolaridade é vista, pelos participantes, nesta subcategoria, como um empecilho na conquista de um emprego.

“(...) É, de repente, tem um cara que tem a sexta série do teu lado, fazendo, às vezes, até com mais desenvoltura [referindo-se a vagas que não exigem qualificação] (...).” (P3).

“(...) ofereceram um salário bem baixo, quatrocentos e pouquinho, eles não me contrataram por eu sou formada, eles tinham medo que eu ficasse só uns meses (...) Às vezes isso até atrapalha.” (P4).

“Está bem difícil de conseguir um emprego (...) também, até por causa da minha formação. Eu já recebi umas duas ou três respostas que eu

tinha muito estudo para trabalhar em certo lugar... aí eu continuo desempregado.” (P8).

“(...) tu não é valorizado por isso que tu tem [ensino superior]. Porque, hoje em dia existe, digamos, uma mão-de-obra menos especializada, conseqüentemente mais barata, e, de repente, até suprimindo certas necessidades (...).” (P2).

Omissão da escolaridade

Nesta subcategoria, apresenta-se a perversidade da estrutura atual: não há vagas para todos e, para conseguir uma posição no mercado de trabalho, o candidato tem que suprimir parte de sua formação para conseguir alguma colocação. Essa omissão da escolaridade no currículo foi expressa pelos participantes com um profundo sentimento de frustração.

“O que tem mais me atrapalhado no emprego (...) em certos lugares eu tiro que eu sou formado, sabe, deixo só que tenho o segundo grau, para tentar alguma coisa.” (P7).

“Eu tive que omitir no meu currículo que eu estou fazendo pós-graduação (...) eu tenho certeza que se eu colocasse uma pós-graduação, quando forem olhar: Mas ele está fazendo pós-graduação, ele não vai querer trabalhar aqui.” (P3).

Categoria: DIFICULDADE DE RE-INGRESSAR

O desejo constante de re-ingressar no mercado de trabalho é corroborado pela busca incessante por um emprego. Aliás, as tentativas de re-inserção são acompanhadas por dificuldades de várias ordens. Não obstante, o trabalhador esbarra em dificuldades que anteriormente pensava que seriam facilitadores para encontrar um emprego, como, por exemplo, a formação superior.

Desempregado devido à área de formação

Constata-se nessa categoria que a responsabilidade pelo desemprego acaba sendo deslocada para o plano individual, uma vez que os entrevistados mencionam que o desemprego está alocado na área de sua formação:

“Estou desempregado porque se eu tivesse feito Administração, Direito ou Comércio Exterior, ou qualquer outra área que se encaixe mais na mão-de-obra capitalista de produção, com certeza eu estaria empregado.” (P3).

“(...) Esse curso não estou aproveitando nada dele, por que não surge nada na área, então eu tô pensando em mudar para alguma outra coisa, eu tinha pensado em gestão de pessoas (...).” (P4).

Tentativas sem sucesso

Os trabalhadores entrevistados demonstraram uma motivação consecutiva frustrada em arranjar emprego, uma vez que as inúmeras tentativas fracassaram. Dessa maneira, observa-se que prevalece um desânimo e frustração perante as situações de insucesso e a procura por um trabalho torna-se cada vez mais exaustiva, dificultando, assim, as próximas tentativas. A diminuição ou mesmo a desistência em procurar emprego é uma tendência que visa a acentuar-se cada vez mais, conforme a prorrogação do desemprego.

A impossibilidade de conseguir reingresso no mercado de trabalho é evidenciada pelos participantes através das seguintes frases:

“(...) Fui em agências que tem aqui, mas nunca me chamaram para nenhuma entrevista, nada.”(P2).

“(...) me escrevi nas agências, deixei currículos meu em vários lugares (...) sempre as mesmas respostas as pessoas te dão, as pessoas dizem: qualquer coisa a gente te liga.” (P5).

“(...) tentei outras áreas encontrei bastante dificuldade, nem para ser voluntária eu consegui. Ah, tu está fazendo Pós? Não, então, não dá”. (P1).

“(...) comecei a imprimir os currículos, e fui levando, eu vi que não adiantou. Não desisti por completo”. (P1).

Temática: ESTRATÉGIAS

Categoria: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

Sem dúvida a situação de desemprego redefiniu os modos de viver dessas pessoas em diferentes aspectos. Destarte, os trabalhadores passaram a utilizar estratégias de enfrentamento perante a emaranhada experiência do desemprego. Estas estratégias,

na leitura de Simon (1989), numa abordagem psicanalítica, poderiam ser denominadas como recursos internos ou defensivos utilizados pelo sujeito ao deparar-se com uma crise. Verificou-se, assim, que as estratégias encontradas tinham como base a identificação com o outro, a aceitação de trabalhos informais ou em outra área de formação e o envolvimento com os estudos para prestar concurso público.

Busca de identificação

A experiência do desemprego passa a ser para os indivíduos constitutiva de processos identificatórios, uma vez que o trabalhador se vê impossibilitado de continuar se identificando, como vinha fazendo anteriormente no mundo do trabalho, por exemplo, com colegas e chefias. Nesse ínterim acaba por desenvolver novas identificações, conforme sua nova condição. Assim, constata-se que os entrevistados buscavam conversar com pessoas que tivessem alguma experiência ou característica similar com a experiência do desemprego:

“Eu estou procurando falar mais com essas meninas que se formaram: como é que elas estão. Disseram também que era assim, que também ficaram mal, que não sou só eu. Então isso também ajuda.” (P1).

“(...) é uma realidade que tu vê não só comigo, tu vê na televisão um monte de pessoas que estão há 5, 6 anos sem emprego, pessoas que não têm formação, pessoas que fizeram uma formação, e também não estão trabalhando (...).” (P5).

“Bicos” como forma de remuneração

Exclusivamente dois participantes buscaram fazer trabalhos por conta própria, visando a alguma remuneração, como forma de driblar o desemprego. Como tais trabalhadores não consideram estes “bicos” um emprego que possa assegurar os antigos direitos trabalhistas, e pelo fato de não ser o que desejam, encaram-nos como transitórios até que o trabalho assalariado e registrado apareça. Constata-se, assim, que os chamados “bicos”, para estes trabalhadores, não se apresentam como solução para o desemprego.

“Eu tenho feito alguma coisa em casa (...) Bordados, crochê, tricô.” (P6).

“(...) Fazendo bico, assim, vendendo e comprando veículos.” (P7).

Aceitação de trabalhos em qualquer área

Os desempregados buscam o trabalho incessantemente, já que este é estruturante de suas vidas. A dificuldade em encontrá-lo demanda a necessidade de sujeição de trabalhar em condições denominadas de: “o que vier na frente”, ratificando assim uma estratégia de sobrevivência adotada por estes trabalhadores. Nesse âmbito, a aceitação de trabalhos em outras áreas de atuação retrata a situação que o IBGE (2000), conforme os dados do Censo Demográfico, destaca que há um grande contingente de pessoas com curso superior que não trabalham na área em que se formaram.

“(...) eu não estou mais nem procurando enfermagem. Estou, assim, tentando... o que tiver, eu estou entrando (...).” (P6).

“(...) eu não consigo na minha área, nada no administrativo, vou tentar com vendas, logo tenho que conseguir.” (P4).

“Vai ver oportunidades não tem condições de tu entrares, algumas pelo salário, algumas até mesmo os empregos (...) mas se começa há passar muito tempo vou ter que me sujeitar a trabalhar nisso.” (P4).

“(...) eu sempre trabalhei desde os meus 14 anos, sempre fui auto-suficiente. E agora você fica aí desempregado, um tempão... é complicado, sabe. Tanto é que eu estou pegando o que aparecer na frente (...) mesmo que não seja na área.” (P7).

“A parte mais frustrante, talvez, é essa questão, realmente, de viver numa situação que agora eu tenho que correr atrás de qualquer emprego, e de qualquer área, para, pelo menos, sobreviver, pagar as contas.” (P8).

Estudar para concursos públicos

Os trabalhadores desempregados encontraram no estudo para concurso uma forma de mascarar o tempo livre causado pelo desemprego. O rótulo de desempregado evidenciou ser muito doloroso, denotando assim a preferência dos entrevistados em dizer que está estudando do que expor que está desempregado.

“(...) desisti de procurar emprego e estudo para concurso”. (P1).

“Umhas quatro horas por dia... estudando [para concurso].” (P2).

“Eu estou estudando para concurso (...).” (P4).

“(...) o que eu estou fazendo é estudando em casa para concurso... por que é uma estabilidade.” (P5).

De fato, parece que os concursos são a forma, mesmo que tão disputados, de conseguir novamente uma reinserção profissional. Nessa lógica, vê-se que o “boom” dos concursos públicos surge do crescente desaparecimento dos empregos estáveis (Antunes, 1999).

Temática: FUTURO

Categoria: PERSPECTIVAS FUTURAS

Perante as mutações ocorridas com a experiência de desemprego, verifica-se que as perspectivas futuras dos trabalhadores também sofreram alterações e características peculiares. Diante disso, vale ressaltar as considerações feitas por Coutinho, Krawulski e Soares (2007), ao afirmarem que a precariedade, a vulnerabilidade e as fragmentações no mundo do trabalho estabelecem dificuldades para que as identificações se processem e a identidade profissional possa ser constituída. Acrescenta-se a isso o desemprego no qual emergem inúmeras situações, que tendem a dificultar a constituição da identidade profissional, representando uma verdadeira encruzilhada para as perspectivas futuras do indivíduo.

Dúvidas quanto ao rumo a seguir

As dúvidas expressas por sentimentos de indefinição e imprecisão a respeito do futuro e da profissão denotam a importância que o trabalho assume na vida das pessoas, pois é a partir desse que os trabalhadores definem seus rumos pessoais e profissionais. Caldas explana que as significações construídas são referenciadas numa organização ou num papel organizacional. Nesse âmbito, “na medida em que às vezes construímos o que somos através do que fazemos, a perda do emprego pode significar o sentimento de dissolução ou de mutilação de aspectos elementares do nosso eu” (Caldas, 2000, p. 8). Frente a essa falta de significação emergem as incertezas quanto à melhor direção a seguir:

“(...) tu não sabe nem o que pensar, trocar de curso, ou se tu mudas tua carreira, teu setor de trabalho, tua função, tu fica naquele dilema, não sabe o que fazer.” (P4).

“(...) aí tu fica pensando: O que eu vou fazer? Vou aonde procurar emprego agora?” (P6).

“(...) e aí, será que eu vou arrumar emprego? Como é que será que vai acontecer? O que será que eu tenho que fazer? E aí, como é que vai ser o amanhã?” (P3).

“Às vezes, bate um desânimo durante dias (...) bate aquela coisa assim: Ah, o que eu vou fazer da vida?” (P8).

Desesperança

A desesperança passa a ser um sentimento inevitável na medida em que o sonho de “realizar seus projetos profissionais, constituir família e ter independência econômica” (Sarriera, 2000 p. 1) acaba se tornando um “pesadelo”. Chauí (2000, p.51) faz uma analogia a esse “pesadelo”:

O Muro de Berlim pôde cair porque um outro, invisível e inatingível, já havia sido erguido pela economia capitalista: o muro que, no interior de cada sociedade e entre os países, separa os privilegiados, que fruem a realidade virtual de suas ações [...], e os desempregados, massa de humilhados e ofendidos, dos envergonhados e culpados por não possuírem aquilo que o capitalismo não lhes deixa possuir – um trabalho – e os faz crer que têm o dever moral e social de possuir – um emprego.

“Tenho medo, até, de ficar pior.” (P1)

“(...) eu sei que, naturalmente, fome, ou uma dificuldade maior, eu não enfrentaria, porque se, caso acontecer de o meu desemprego se prolongar, eu vou, automaticamente, precisar de um auxílio financeiro (...) eu sei que, de repente, em pouco... num espaço de curto tempo, eu vou estar totalmente dependente de pessoas.” (P3).

“(...) tantos planos para o futuro, tinha vários planos para o futuro... depois que fiquei desempregada, tudo abalou, apagou assim, se foi, assim, tudo que eu imaginava era mais fácil, agora tu vê que fica difícil, não faço mais tantos planos... deixa acontecer.” (P4).

“Um sonho que eu tinha, sempre, de fazer mestrado, doutorado, já estou até abandonado (...) infelizmente, às vezes o sonho de continuar no estudo vai se abandonado [em decorrência do desemprego].” (P8).

Ocorre assim a busca frenética por um emprego, mas muitos acabam na desistência diante de inúmeras tentativas frustradas, o chamado desemprego por

desalento (Seligmann-Silva, 1997). Nesse percurso, instala-se a desesperança de encontrar um emprego estável e emergem sentimentos de inferioridade social, humilhação, fracasso pessoal e culpabilidade.

Esperança de trabalho

Apesar das circunstâncias adversas e das dificuldades de encontrar um emprego, os entrevistados apresentam expectativas de um novo trabalho. A esperança dos trabalhadores demonstra ser um fator positivo, pois permite que tenham impulso e o desejo de continuar. Desejo esse que é o que move o indivíduo perante as dificuldades, que fazem com que ele deseje viver.

“Eu tenho convicção na minha capacidade.” (P3).

“(...) quem sabe eu vá conseguir. Eu vou conversar com o pessoal. Imagina, eu vou achar emprego rápido (...).” (P1).

“(...) eu ainda, para meu futuro, quero me sentir realizada, sabe, olhar e dizer que valeu por tudo que eu passei, valeu pelo investimento meu e de minha mãe, financeiro e emocional... eu tenho esperança de trabalhar numa coisa que me satisfaz (...)apesar de como está hoje, tenho esperança de que tudo vai mudar, de ter uma recompensa.” (P5).

“Alguma coisa vai ter que acontecer de bom... o que eu estou mais pensando, e necessitando, é trabalho. Depois que se eu tiver um trabalho, as coisas mudam, sabe. Tanto assim, na minha saúde, o meu físico, quanto o mental... tudo melhora tudo numa pessoa quando se tem um trabalho (...).” (P6).

2.6 Considerações Finais

Sem dúvida, a experiência de desemprego acarreta ao trabalhador o sentimento de despertencimento da sociedade, ou seja, a exclusão. Tais excluídos representam um contingente crescente de trabalhadores que não encontram lugar no mercado de trabalho (Codo, Soratto & Menezes, 2004). Marx (2004) destaca que as mazelas do desemprego desencadeadas pelos modos de produção capitalista acabam por responsabilizar o indivíduo perante sua situação. Dessa forma, Forrester (1996) realça que os trabalhadores desempregados sentem-se obrigados a resolver de forma individual esse problema que não depende somente de suas próprias ações. Dessa forma, parte-se do princípio de que o desemprego deve ser visto como uma construção histórica que respinga nos modos de trabalhar, bem como do não-trabalhar.

Pode-se constatar que os trabalhadores desempregados do presente estudo buscaram, num primeiro momento, uma locação emergencial no mercado de trabalho. Após inúmeras tentativas fracassadas iniciou-se um processo de enfraquecimento e paralisação, dificultando um enfrentamento contínuo frente à situação de desemprego. A vergonha dos outros perante a situação mostrou-se um agravador desse processo. Com isso, ocorre, por parte dos participantes, evitações e isolamentos de circunstâncias que possam vir a se deparar com o assunto do desemprego.

Os sentimentos experimentados pelos participantes - ansiedade, baixa auto-estima, angústia, desânimo, medo frente ao futuro, frustração, vergonha, culpa, incompetência, inutilidade - afetaram significativamente a identidade profissional de cada um. A partir das falas, torna-se evidente a fragilização da auto-imagem, sendo que tais sentimentos, na condição atual de desemprego, persistirão por muito tempo, mesmo com o reingresso no mercado de trabalho.

Os depoimentos dos trabalhadores desempregados em face do desemprego demonstraram a batalha que se apresenta: de um lado o indivíduo com formação superior, demonstrando vontade e desejo de trabalhar e no outro âmbito encontra-se a impossibilidade concreta de reingressar no mercado de trabalho. Eis que nessa veemente batalha surge o desgaste mental e físico do trabalhador à procura de emprego.

O diploma escolar é um passaporte para o reconhecimento social e profissional, porém não garante a sobrevivência de seu portador, sendo que por vezes os participantes acabaram perdendo oportunidades de trabalho devido ao seu grau de escolarização. Nesse sentido, os participantes evidenciaram certo descrédito e desqualificaram seu próprio investimento intelectual realizado durante a universidade, já que agora este não

lhes garante um emprego. Contudo, ao mesmo tempo, reconhecem que todas essas crenças de graduação como sinônimo de emprego foram construídas no decorrer do curso universitário, emanando agora um forte sentimento de frustração.

De fato, frente aos achados, é possível afirmar que o desemprego, para esses indivíduos, está associado a problemas de saúde, tanto de ordem física quanto mental. Assim, o desemprego é uma séria ameaça à saúde mental de quem o vivencia. Ainda, prejudica não somente o trabalhador desempregado, mas, sim, todo o seu entorno familiar.

A presente pesquisa apresentada não responde a todas as inquietações sobre o desemprego de trabalhadores com ensino superior, sendo que existe ainda muito que se investigar acerca desse tema tão relevante. Assim sendo, a partir dessa investigação, pode-se sugerir a realização de novas pesquisas direcionadas para trabalhadores desempregados em outras áreas de formação superior, bem como um estudo específico das estratégias de enfrentamento com esses sujeitos.

Por fim, com esta pesquisa, pôde-se verificar as intensas e profundas implicações que o desemprego traz para a saúde mental de trabalhadores com ensino superior. Ademais, o estudo faz repensar como se dá a vida “fora do trabalho”, mas “dentro” de uma sociedade que visa ao consumo e à valorização de quem trabalha. Trata-se, assim, de compreender que essa experiência de desemprego fará parte da construção do sujeito na sua vivência de trabalho e de não-trabalho, bem como na sua subjetividade.

3. ARTIGO TEÓRICO

Refletindo sobre desemprego e agravos à saúde mental

Publicado na Revista Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2007, vol. 10, n. 2, pp. 35-45

RESUMO

O presente artigo visa contribuir na discussão das relações entre desemprego e saúde mental. Frente a isso, pauta-se nos principais constructos teóricos sobre a temática visando traçar um panorama atual das relações entre desemprego e agravos na saúde mental. Denota-se a escassez de produções nacionais que se proponham averiguar os impactos do desemprego na saúde mental, evidenciando um amplo e desafiador terreno a ser estudado. Enfatiza-se, dessa forma, a emergente necessidade dos profissionais de saúde intervir na saúde mental daquele que está desprovido do trabalho e do reconhecimento social.

Palavras-chave: Trabalho, desemprego, saúde mental, sofrimento.

ABSTRACT

This article aims to contribute in the discussion about the relationship between unemployment and mental health. Thus, it is based on the main theories on this topic, as well as it intends to point out a current view of the relationships between unemployment and mental health damages. Due to the lack of national productions on this issue, it is considered to be a broaden and challenging area to be explored. This way, we can also emphazise the urge that the health professionals interfere in one's mental health, especially if he/she is jobless and lacks social acknowledgement

Key-words: Job; Unemployment; Mental Health; Suffering.

O mundo do trabalho e o “mundo sem trabalho”

O desemprego é na contemporaneidade um dos assuntos mais preocupantes, visto que se evidencia como um fenômeno mundial. Apesar de relevante, a relação entre desemprego e saúde mental tem sido ainda insuficientemente estudada. Diante disso, o artigo propõe-se a contribuir na discussão dessa temática ressaltando um olhar profundo ao trabalhador que se encontra em situação de desemprego. Para tanto, iniciaremos focando as transformações ocorridas no mundo do trabalho e suas repercussões na problemática do desemprego e saúde.

A luz dos estudos engendrados ao campo da Psicologia do Trabalho existem tradicionais referências (Chanlat 1993; Codo 2000; Dejours 2003) na qual expressam ênfase maior as questões do trabalho, sofrimento psíquico e a figura do trabalhador. Aos conteúdos atrelados a questão da subjetividade, saúde mental, identidade e trabalho os estudos (Fonseca, 2000; Nardi, 1999; Tittoni, 1994) demonstram questões específicas do sujeito trabalhador com sua subjetividade nos processos de trabalho. No entanto, no fenômeno desemprego não existem variadas referências que se proponham a estudar especificamente, até mesmo, de forma, longitudinal a problemática. Destarte, no estudo do desemprego mostra-se fundamental um olhar atento para o trabalho, pois em inúmeras vezes é no contexto de trabalho que começam a emergir agravos de saúde devido ao medo do desemprego.

Cabe destacar, com muita relevância, a importância e a centralidade do trabalho na vida do sujeito e como este repercute no fenômeno desemprego, a partir de Lima e Borges (2002, p.338):

Ao contrário de certos modismos teóricos contemporâneos, defendemos a centralidade do trabalho para o homem, mesmo nas suas formas mais estranhadas. Em outras palavras, não vemos como pensar o homem desconsiderando essa categoria e muito menos como pensar as conseqüências do desemprego desconsiderando o fato de que o trabalho foi e permanece central para o ser humano. Assim, as reações do desempregado à sua condição não são fruto apenas das perdas materiais que sofreu, mas, sim, da impossibilidade de expressar-se, desenvolver-se e deixar sua marca no mundo.

O trabalho constituiu-se para o homem como um verdadeiro sentido de vida, sendo que, em muitas situações, este passa a maior parte de seu tempo trabalhando do que vivenciando situações fora do espaço de trabalho. É pertinente enfatizar

aqui a definição de Borges e Tamayo (2001, p. 13):“ O trabalho é rico de sentido individual e social. É o meio de produção da vida de cada um, criando sentidos existenciais ou contribuindo na estruturação da personalidade e da identidade”.

Vasconcelos e Oliveira (2004) referem que uma grande parte dos trabalhadores tem no trabalho o único elo social fora do convívio familiar. Nessa perspectiva, mostra-se essencial refletir sobre a situação do trabalhador que encontra-se fora do meio de trabalho, o que pode trazer consequências para sua saúde mental, uma vez que o trabalho representa algo tão significativo na vida dos seres humanos e no reconhecimento social.

Vasconcelos e Oliveira (2004) enfatizam ainda que o trabalho, ao produzir no homem um sentido de inclusão social, revela quanto a sociedade dá importância a aquele que está produzindo. Destacando aquele indivíduo que tem vínculo empregatício, salário fixo e estabilidade, por mais que haja uma forte tendência para a economia e para o trabalho informal. Porém, o fato de não estar trabalhando, leva o homem a enfrentar um processo de desvalorização social.

O trabalho passa, dessa forma, ser uma maneira de estar incluído e locado na sociedade . Wickert (1999, p. 68) ressaltava essa questão:

“Sim, o trabalho passa a ser a via de acesso para o lugar social, pois o sujeito só tem o reconhecimento de sua existência, caso produza. Entretanto, quando já não é mais produtivo a sua locação deixa de existir, pois não tem mais como pagar o aluguel social”.

Grisci (2000) destaca que, além da importância social, o trabalho é representado na vida do sujeito como fonte de subjetivação. No mesmo âmbito, Tittoni (1994) enfatiza o trabalho como objeto de desejos e aspirações dos homens inscrevendo, a partir desse, o ser humano nas relações com seus semelhantes e o seu autoconceito.

Desse modo, visto a amplitude do trabalho, constata-se que, de acordo com Sant`Anna (2001), o reconhecimento também encontra-se nesta temática. No entanto, a desenfadada busca por rentabilidade faz com que as pessoas fiquem cada vez mais carentes de reconhecimento e afeto. O mundo atual é miserável de afeto pelo outro, porém Guattari e Rolink (1986) destacam que o ambiente de trabalho pode ser uma fonte de reconhecimento e troca de afeto.

Na contemporaneidade, Werner (2002) aponta como o maior inimigo na nova organização do trabalho o colega que está ao lado, pois com a competição

provocada por movimentos individualistas, o colega de trabalho passa a ser uma ameaça ao seu emprego. O trabalhador passa a ver-se sozinho, isolado e desamparado, achando como solução a sujeição às exigências da empresa. A falta de relacionamentos sinceros e honestos é o resultado do estudo de Sherafat (2002), afirmando que essa pouca ou nenhuma confiança no outro faz com que o medo impere, gerando insegurança aos funcionários.

Entretanto, Lima (2003) destaca que não existe um consenso ainda claro, frente o nexos causal, entre a exposição às novas formas organizacionais e o desenvolvimento de transtornos mentais. Denota-se, a necessidade de estudar de forma abrangente a problemática incluindo as dimensões objetivas e subjetivas, coletivas e singulares das doenças mentais.

As mudanças tecnológicas, de acordo com Antunes (1995) trouxeram à tona um novo significado social do trabalho, deixando os trabalhadores desprevenidos quanto à sua estabilidade e segurança. Destacando, ainda, que o trabalho autônomo e o auto - empreendimento são, atualmente, formas de sobrevivência e não de escolha.

Essas profundas modificações remetem os trabalhadores a forte pressão psíquica, da contínua ameaça de ficar desempregado, e a sobrecarga física e psíquica, devido às exigências de produtividade e competição entre os mercados (Leon & Iguti, 2003). Essas submissões representam o medo imperativo: o desemprego, a falta de trabalho no amanhã. Frente a esse temor, Seligmann-Silva (1994a) ressalta que o processo de adoecimento e os reflexos psicossociais do desemprego começam quando o trabalhador percebe o risco em ficar desempregado. Silenciar a própria dor e restringir a comunicação são efeitos do medo de perder o emprego, tornando esse indivíduo seu próprio refém e da empresa (Barreto, 2000).

A demissão pensada pelos funcionários como punição por não corresponder com as exigências e pressões, de acordo com Merlo et al. (2003), também caracteriza o sofrimento no trabalho. O medo, para Dejours (1992) encontra-se presente nas mais diversas e diferentes ocupações profissionais, sendo que pode tomar uma dimensão importante. Esse receio faz com que as relações mudem, passando a exercer de forma ímpar o individualismo aumentando a competição e a fragilização dos laços emocionais.

As incertezas geradas pela desenfreada globalização e quanto ao futuro profissional (Castel, 1998), pode fazer com que o indivíduo desempregado torne-se alvo de discriminações e exclusões. O distanciamento do meio social torna-se inerente, uma

vez que ocorrem rupturas dos laços de sociabilidade que foram constituídos no mundo do trabalho.

Frente a essa perspectiva de sociabilidade, Jacques (2003) destaca a importância do trabalho enquanto ser social, pois entende a identidade de trabalhador como representatividade da identidade do eu. A ruptura social advinda com o desemprego permeia o afastamento do sujeito com as principais referências de seu cotidiano e assim este pode encontrar na doença um refúgio (Seligmann-Silva, 1994a). A representatividade de estar doente passa a ser menos constrangedora socialmente do que a de estar desempregado. Dejours (1992) afirma que o desemprego possui uma imagem de negatividade na sociedade. Compreende-se, a partir do exposto, que a identidade de trabalhador na atual sociedade é excessivamente valorizada e vista ainda como um dever moral. Diante disso, o ócio também é altamente considerado, uma vez que se preconiza a capacidade produtiva. Assim, nessa sociedade, observa-se que o trabalho é mais que trabalho e o não trabalho é mais que desemprego (Chauí, 2000).

Constata-se que o labor é mais que um dever para os indivíduos. Trabalhar passar a ser condição *sine qua non* para viver, tanto pela questão material quanto pelo reconhecimento social. O medo de entrar na situação oposta ao emprego faz com que torne-se possível suportar trabalhar em empregos e em atividades nos quais é difícil perceber qualquer característica de dignidade e humanidade. O risco que se corre é naturalizar a dor e o sofrimento impostos pelas condições de trabalho (Sato & Schmidt, 2004).

É sabido que o desemprego assusta, fragiliza e afeta a condição subjetiva do trabalhador (Vasconcelos & Oliveira, 2004). A escala crescente de desemprego faz com que surjam dois pólos: de um lado aqueles trabalhadores à procura de emprego em tempo integral e de outro aqueles trabalhadores desmotivados, que já não procuram mais emprego. As taxas de desemprego tendem a ser, cada vez mais, crescentes sendo que ocorre também o aumento na aquisição de tecnologias sofisticadas por partes das empresas. Dessa maneira, cada vez mais, a economia produz bens e serviços tecnológicos empregando cada vez menos a força humana de trabalho (Rifkin, 1995).

Guimarães (1998) propõe uma leitura do desemprego, com base da perspectiva histórica, na qual até então se constatava este como transitório. Atualmente, ocorre uma ruptura do nexo entre emprego e desemprego. A expansão da produção ocorre sem um aumento do emprego, delineando assim o desemprego estrutural e a perda dos direitos dos indivíduos.

O desemprego apresenta-se hoje em dia como uma das conseqüências causadas pela desenfreada globalização. Essa reestruturação organizacional propiciou também a deterioração das condições de trabalho bem como das relações nele estabelecidas. Nessa perspectiva, cabe ver a importância de como essas novas formas de trabalho interferem no desemprego, na desfiliação e na exclusão social (Castel, 1998).

Jahoda (1988) propõe um modelo que parte da concepção de que o desemprego priva o indivíduo de vários ganhos, tais como os benefícios da remuneração, uma função manifesta do emprego, e mais cinco funções ocultas: a estruturação temporal do cotidiano, contatos com pessoas fora da família, metas e propósitos que transcendem o individual, status e identidade. A autora enfatiza que a principal característica comum a todos os que se encontram desempregados é a exclusão abrupta de uma instituição social, a qual dominava suas vidas anteriormente.

Caldas (2000) sinaliza que o aspecto da atemporalidade remete à situação na qual se encontra o desempregado hoje. A falta de requisição e compromissos, advindos da condição do desemprego, pode gerar um excesso de tempo e redução de exigências no geral. Essa dificuldade, para preencher o tempo por falta de atividade, pode acarretar distintas reações tanto de natureza emocional, psicológica, física, comportamental, familiar, econômica, profissional ou social.

Para Leon e Iguti (2003), o desemprego também representa perdas e rupturas nas mais variadas dimensões da vida do ser humano, sendo que a repercussão disto estende-se não apenas ao indivíduo desempregado, mas sim a todo o seu contexto familiar. Destaca-se o desequilíbrio econômico devido a perda de poder aquisitivo. Na mesma perspectiva, Ezzy (1993) afirma que esse momento representa um período de mudança, de passagem, algo como uma transição social, porém acima disso significa a perda de um *status* social.

A expulsão do mundo do trabalho e, conseqüentemente, a exclusão da sociedade faz com que os indivíduos desempregados passem a ser impedidos de uma vida dotada de algum sentido (Antunes, 2002). O trabalho até então tinha um cunho de referência econômica, social, cultural e, principalmente, psicológica (Castel, 1998). Mostra-se notório a demasiada importância que o trabalho assume na vida dos seres humanos, sendo que ao cortar essa ligação depara-se com a perda de todo esse investimento e de reconhecimento social e subjetivo.

Visto isso, Cardoso (2000) acrescenta que o desemprego torna-se freqüentemente sinônimo de exclusão. Sendo assim, surgem os riscos negativos do

desemprego e do medo de continuar desempregado: aceitação de trabalhos precários e baixos salários (Estramiana, 1992). O processo de desvalorização é quase inevitável, sendo que os trabalhadores buscam estratégias de sobrevivência e recolocação no mercado de trabalho a qualquer custo (Azevedo et al., 1998).

Podemos considerar, pelo que foi exposto acima, que há uma influência mútua, nas conseqüências adversas de agravos à saúde, no trabalhador que está trabalhando, principalmente, pela ameaça do desemprego, e naquele trabalhador que está em situação de desemprego, pelas faltas demarcadas pela ruptura com o trabalho.

Considerações acerca dos estudos da relação entre desemprego e saúde mental

A perda do emprego e suas conseqüências é objeto de estudo desde os anos 30. Contudo, Estramiana (1992) afirma que não há uma profunda continuidade nos estudos evidenciando certo atraso frente ao sujeito desempregado. Os estudos até então desenvolvidos demonstram que as conseqüências o desemprego não se limitam apenas a fatores econômicos (Blanch, 2001). O desemprego traz no seu bojo questões mais específicas da clínica, que se estendem desde o prejuízo na auto-estima (Sarriera, 2000) até os casos relacionados com suicídio (Gunnell et al., 1993).

Ferrara, Acebal e Paganini (1976) definem a saúde mental como a expressão de luta do ser humano perante os seus conflitos procurando enfrentá-los, abrindo assim a perspectiva de um novo diálogo. Codo, Soratto e Menezes (2004) propõem uma leitura da saúde mental fazendo um contraponto com Freud, de maneira a incluir no conceito o amar e trabalhar. Ou seja, os distúrbios mentais instauram-se pela incapacidade de amar e de trabalhar, sendo que um retro alimenta e produz o outro. Para tanto, a saúde mental encontrar-se-ia situada na capacidade humana de construir-se a si própria.

A saúde é definida por Dejours (1986) como algo dinâmico. Não sendo esta ausência de dor ou sofrimento, mas ao contrário o sujeito demonstrar condições de interferir no que os causa. Dessa forma, a saúde é entendida como a possibilidade de alterar situações que provoquem sofrimento:

A saúde é a possibilidade de ultrapassar a norma que define o normal momentâneo, a possibilidade de tolerar infrações à norma habitual e de instituir novas normas em situações novas (Caguilhem, 1990, p.143).

Entende-se que a saúde passa a ser sinônimo de possibilidade de transformação, produzindo novos modos de pensar as experiências e agir. Então, como isso se processa

no desemprego? Dejours (1994) aponta que o sofrimento no trabalho começa quando o trabalhador não mais satisfaz às imposições da organização do trabalho, gerando pressão no ambiente de trabalho. Há, portanto, um desafio aqui exposto: como transformar de forma criativa, sem adoecimento, a situação do desemprego? Já que o indivíduo sofre igualmente com a perda do emprego ou se permanece numa organização rígida, sem possibilidade de criação.

A evolução no processo de adoecimento psíquico do desempregado pode ser pensado em 4 fases propostas por Lira e Weisntein (1985, citado por Seligman, 1994b). No primeiro momento ocorre a reação do indivíduo que busca soluções para seu desemprego, contudo este já demonstra alguns sintomas como à mudança no humor e insônia. A segunda fase caracteriza-se pela transição, na qual presencia-se o desânimo, tristeza e o início de um processo de isolamento. A adaptação patológica frente à situação é a terceira fase, sendo que pode ocorrer o alcoolismo. O último momento caracteriza-se pelo embotamento afetivo e a deterioração da auto-imagem, acentuando o desalento.

A relação existente entre o desemprego e os transtornos mentais ainda não está totalmente compreendido. Contudo, alguns autores (Ezzy, 1993; Graetz, 1993) destacam a existência de certos tipos de desemprego, como por exemplo, a saída de um emprego monótono e repetitivo, limitador das habilidades do indivíduo, como fonte de conseqüências positivas, da mesma forma que certos empregos têm efeitos negativos sobre a saúde mental.

Os estudos encontrados posicionam-se, basicamente, na área da Saúde Mental e Trabalho (Martinez, 2002; Peterson & Dunnagan, 1998) sendo que esta abordagem normalmente está relacionada à Saúde do trabalhador. Seligman-Silva (1994a) traz a luz a questão do desemprego ao mencionar que as modificações do mundo do trabalho, têm tornado cada vez mais tênues as fronteiras entre a psicopatologia verificada no trabalho e o que tem sido denominado Psicopatologia do Desemprego. A gravidade dessa problemática foi contestada por Angerami e Santos (1984) ao entrevistar sobreviventes de suicídio em diferentes prontos socorros de São Paulo, sendo que 33% dos entrevistados pensaram no suicídio relacionado ao desejo de desaparecer em decorrência do desemprego.

Stewart (2001) pesquisou a respeito do impacto da condição de saúde na permanência do desemprego de longa duração. Uma de suas conclusões é que os indivíduos com saúde precária tendem a permanecer mais tempo em desemprego e por

isso constituem parcela significativa dos desempregados. Evidencia-se, dessa forma, que a relação entre desemprego e saúde é extramente relevante.

A autora destaca ainda que o mundo dos que trabalham está cada vez mais pressionado pelo mundo dos sem-trabalho, uma vez que as patologias constituídas no trabalho, muitas vezes, acarretam a própria perda do emprego. Além disso, a perda de emprego pode representar o ponto culminante de uma escalada de desgastes, configurando um verdadeiro trauma para a auto-estima e, portanto, para a identidade, interferindo na saúde mental. Denota-se aqui que ocorre uma interação entre o campo do trabalho e do desemprego, porém sem debruçar-se especificamente nesse, evidenciando, assim, a necessidade de um olhar mais profundo para o campo do desemprego e saúde mental.

Em uma pesquisa com desempregados Caldana (2000) detectou que o apego ao plano espiritual serviu como estratégia para enfrentar a situação de desemprego. A pesquisadora concluiu que havia consciência, por parte destes desempregados, da importância da manutenção da saúde para lidar com a situação de desemprego e, uma vez que existe relação entre o bem-estar mental com aumento das chances de se re-empregar. Constatou, ainda, que o apego ao plano espiritual pode ser uma estratégia eficaz frente à situação de desemprego.

Svensson e Zollner (1985) destacam em seu estudo que indivíduos desempregados e suas famílias sofrem um significativo aumento no risco de adquirir doenças mentais ou psicológicas podendo levar à morte prematura, quando comparados com a população empregada. Rocha, Carvalho e Barreto (1999) realizaram um estudo referente ao impacto do desemprego na saúde de homens e mulheres, no município de São Paulo. Detectaram a desvalorização profissional, na medida em que os desempregados aceitariam qualquer tipo de trabalho. Observaram ainda o medo de permanecer desempregado, a perda da dignidade, valor e reconhecimento, as dificuldades para a sobrevivência, assim como os limites impostos a vida e ao viver. As autoras destacam os principais impactos do desemprego como vivências depressivas, o desânimo, os pensamentos suicidas, a tensão e insegurança, insônia, dores generalizada, o mau humor e brigas familiares.

Semelhante a estas descobertas, Hammer (1996) voltou-se para o estudo com jovens expostos a longo período de desemprego. Os resultados demonstram problemas mentais associados ao nervosismo, insegurança, medo e falta de pertencimento em relação à sociedade, sugerindo a partir deste estudo que pessoas com agravos de saúde

mental têm maior probabilidade de desemprego contínuo. Quanto à questão do reconhecimento, Cobb e Kasl (1979) demonstram que indivíduos em longa data de desemprego são menos respeitados do que aqueles reempregados.

Silva (2006) aponta que a perda do vínculo com o emprego formal pode conduzir o indivíduo a manifestar o surgimento de gastrites, úlceras, desenvolvimento de cânceres, stress, fadiga, entre outros. A autora sinaliza que as manifestações podem ocorrer também no desenvolvimento de problemas emocionais, como neuroses, psicoses, síndrome de pânico, depressão, fobia social, ansiedade e outros.

A ótica do desemprego, sob um olhar mais qualitativo, aponta para conseqüências individuais psicológicas relevantes, principalmente porque se percebe que há um estímulo ideológico para levar o homem a assumir a responsabilidade pessoal pelo fato de estar desempregado, ou seja, carregando uma culpa que, segundo Bárbara (1999, p. 36):

[...] pode estar respondendo à comunidade verbal que reforça este comportamento por ser importante para a sociedade, pois, assim, exime-se da responsabilidade pelos desequilíbrios em sua forma de organização da produção e da distribuição de riquezas.

Destarte, a desqualificação do trabalhador pode ser conseqüente da falta de condições financeiras para instrumentalizar-se e competir em um mercado de trabalho de ofertas enxutas não parece, por si só, ser responsável pelo estado de desemprego. Bárbara (1999) afirma que mesmo se os trabalhadores tivessem a qualificação ainda assim não existiria lugar de trabalho para todos e, dessa maneira, o discurso ideológico deveria encontrar outra razão para justificar a exclusão.

Esse contexto, de modelo econômico excludente, proporciona ao trabalhador um sentimento de culpa por estar desempregado e até mesmo desqualificado para o mercado, gerando sentimentos de fracasso e baixa auto-estima. Percebe-se, então, que esse sentimento de fracasso pessoal vem acompanhado de variadas conseqüências psicológicas, que dizem respeito à saúde mental, sendo sinônimos de insegurança, depressão e isolamento.

A saúde física torna-se alvo conseqüente do desemprego, contudo os comprometimentos mostram-se extensivos à saúde mental e aos relacionamentos sociais

(Murphy & Athanasou, 1999). Corroborando com este estudo, Caldana e Figueiredo (2002) demonstram semelhantes constatações no que diz respeito ao prejuízo na saúde física e mental, sendo utilizada pelos desempregados várias estratégias de enfrentamento, como por exemplo, a mudança de cidade, o apoio financeiro da rede familiar e a aceitação de trabalhos precários.

O desemprego é causa de sofrimento e doenças, na medida em que desorganiza as relações familiares, quebra os laços afetivos, gera relações conflituosas, que em alguns casos, culmina com separações, retorno da família à cidade de origem e intensificação de doenças pré-existentes ou aparecimento de novas doenças (Rocha, Carvalho & Barreto, 1999).

Vasconcelos e Oliveira (2004) destacam a amplitude da influência do desemprego, na qual afeta não apenas as relações sociais mas sim desequilibra o ambiente familiar, a autoconfiança e, conseqüentemente, reflete de maneira negativa nos vínculos socioafetivos. Tais conseqüências sociais e psicológicas, causadas pelo crescente nível de desemprego, podem vir a gerar diversas formas de transgressão e delinqüência. Essas formas não saudáveis acabam por atrair indivíduos que antes eram trabalhadores e que hoje se vêem privados da atividade produtiva e da falta do valor financeiro, necessários para a sua sobrevivência e de sua família.

A melhor forma de lidar com o desemprego, conforme Kaul e Kvande (1991, citado por Silva 2006), é a busca por um novo emprego, pois isso pode ajudar na manutenção da identidade ocupacional do indivíduo e no aumento de suas possibilidades de ser reempregado. Na visão da sociedade, a busca por emprego é o único papel legitimado do desemprego. Contudo, os autores ressaltam as situações adversas desta procura quando fracassada, sendo que o não encontrar emprego pode representar uma falha individual, ocasionando baixa da auto-estima e, conseqüentes, problemas mentais.

Considerações finais

A maioria dos estudos traz referência aonexo entre saúde/doença no contexto do trabalho, sendo tais achados importantíssimos para o desenvolvimento da promoção e prevenção nos processos de saúde/doença ocupacionais. Neste sentido, Lima (2003) considera que já existem evidências que indicam que o exercício de certas profissões expõe os indivíduos a elementos nocivos à sua saúde mental.

Contudo, denota-se imperativo questionar-se: Como fica a saúde mental do indivíduo que se encontra fora do mercado de trabalho formal? Não se pode deixar de considerar as contribuições feitas à Saúde do Trabalhador, mas necessita-se debruçar-se também sobre outro objeto de estudo da contemporaneidade: o desempregado, aquele que vivencia a falta de renda, a exclusão do mundo trabalho e que vive à margem da sociedade, por não ser reconhecido como um cidadão ativo e produtivo.

Vê-se que as conseqüências adversas do desemprego podem acarretar a desestruturação de laços sociais e afetivos, a restrição de direitos, a insegurança socioeconômica, a redução da auto-estima, o sentimento de solidão e fracasso, o desenvolvimento de distúrbios mentais, bem como o aumento do consumo ou dependência de drogas.

A situação do desemprego, sob a ótica de outro âmbito, pode também proporcionar uma outra possibilidade: fazer os sujeitos olharem para si mesmos, sendo que, muitas vezes, esse movimento é feito pela primeira vez nesta situação de perda de emprego. Essa condição pode emanar uma inusitada possibilidade de liberdade e autonomia frente ao futuro ampliando, assim, os limites antes impostos pelo “ser - trabalhador”, uma vez que o trabalho ao mesmo tempo em que sustenta e forma identidade, também a engendra.

Frente a esse outro aspecto da perda do emprego, Moura (2001) ressalta que enfrentar o desemprego, significa esvaziar-se, desapropriar-se, desalojar-se de si mesmo, abrir-se às desestabilizações. Destarte, o desemprego pode oportunizar uma reconstrução, propiciando possibilidades de re-significação da vida e do trabalho.

Coutinho e Jacques (2004) destacam a importância de traçar o perfil do desempregado a fim de propor ações concretas para trabalhar os sentimentos decorrentes da situação na qual vivenciam, sejam tais anseios de culpabilização e/ou vitimização. Cabe ainda refletir, a partir dos desdobramentos teóricos, a importância do papel dos profissionais da área da saúde buscando intervir nas reações simbólicas e materiais, causadas pelo desemprego, juntamente com seus familiares, contribuindo desse modo para prevenir, aprimorar e amenizar agravos na saúde física e mental advindos dessa situação.

4. ARTIGO EMPÍRICO

A saúde mental de trabalhadores desempregados com ensino superior

Este artigo se encontra formatado segundo indicações da “Revista Mental – revista de saúde mental e subjetividade da UNIPAC” visando a sua publicação. As normas encontram-se disponíveis no endereço eletrônico abaixo:

<http://pepsic.bvs-psi.org.br/revistas/mental/pinstruc.htm>

Resumo: O presente estudo buscou analisar a saúde mental de trabalhadores com ensino superior em situação de desemprego. A pesquisa foi de natureza qualitativa, com caráter exploratório descritivo. Participaram do estudo seis trabalhadores desempregados há mais de quatro meses, com formação superior completa e que já tivessem tido alguma experiência de trabalho. Os participantes eram de ambos os sexos e tinham entre 24 e 40 anos de idade. Um estudo piloto com quatro sujeitos antecedeu a investigação a fim de validar o instrumento. Utilizou-se uma entrevista semi-estruturada em profundidade, gravada e transcrita. A técnica utilizada para tratar os dados coletados foi a análise de conteúdo. Por meio dessa análise, cinco grandes temas emergiram: 1) *trabalho*; 2) *desemprego e saúde mental*; 3) *desemprego x escolaridade*; 4) *estratégias de enfrentamento* e 5) *perspectivas futuras*. A partir desses temas diversas categorias foram identificadas, bem como suas subcategorias. As análises apontam para as peculiaridades do sofrimento do trabalhador desempregado com diploma superior. O desemprego desses indivíduos está associado a problemas de saúde, tanto de ordem física quanto mental. Cita-se nesse contexto a angústia, as alterações de peso, desesperança, vergonha, depressão, a insônia, o isolamento social, a desmotivação e as dores generalizadas. Em síntese, constatou-se um arrependimento frente à formação de nível superior e uma das estratégias de enfrentamento encontrada foi estudar para concursos públicos.

Palavras-chave: desemprego; ensino superior; saúde mental; trabalho

Abstract: This research aims to analyze the mental health of workers from northern Rio Grande do Sul who have an undergraduation degree but are unemployed. This is a qualitative research, with an exploratory and descriptive character. Six unemployed male and female workers who have been unemployed for longer than four months

participated in this study. All of them had already had some working experience previously. The participants' ages ranged between 24 and 40 years old. A pilot study with four people was made before the investigation to validate the analytical instrument. A semi-structured in depth interview was used to collect data, recorded and fully transcribed. The data were analysed with a content analysis technique. Five broad themes have emerged from this analysis: 1) work; 2) unemployment and mental health; 3) unemployment x schooling; 4) confronting strategies and 5) future. These themes generated a number of other categories as well as their subcategories. The analysis indicates that there are peculiarities of these undergraduated workers' suffering. The unemployment of these people is associated with health problems regarding their physical and mental condition. Feelings of anguish, weight alteration, hopelessness, shame, depression, insomnia, personal isolation, lack of motivation and generalized pain are mentioned by the interviewees. In conclusion, it is observed a regret towards their college degree; one of the strategies to confront these feelings is to study for public contests.

Key-words: unemployment; undergraduation, mental health; work

[...] não é o desemprego em si que é nefasto, mas o sofrimento que ele gera [...]"
(Forrester, 1997 p.10).

Introdução

A problemática do desemprego vem se tornando alvo de inúmeros apontamentos devido às diversas classes sociais que estão sendo atingidas por esse fenômeno. Ocorre, atualmente, uma mudança no perfil dos trabalhadores desocupados, seja na classe econômica, na escolaridade ou mesmo na idade. De acordo com Mészáros (2002), há algumas décadas atrás o desemprego estava destinado apenas às camadas pobres da população, no entanto, com o resultado das mutações advindas do capitalismo, o problema do desemprego “não mais se restringe à difícil situação dos trabalhadores não-qualificados, mas atinge também um grande número de trabalhadores "altamente qualificados", que agora disputam, somando-se ao estoque anterior de desempregados, os escassos – e cada vez mais raros – empregos disponíveis” (Mészáros, 2002, p. 1005).

Pochmann (2001, p. 38) salienta que o desemprego vem atingindo a classe média, inclusive aqueles indivíduos de maior nível de escolaridade: "Isso invalida hipóteses que sustentavam que quem tinha qualificação não corria o risco de ficar sem emprego. Não há mais segmento social imune ao problema no país". Destaca também que o desemprego atual caracteriza-se por ser mais de natureza intelectual, vinculado à maior escolaridade e capacitação técnica, do que de emprego de mão-de-obra com baixa qualificação.

O desemprego, dessa forma, passa a refletir um problema social que causa instabilidade e insegurança entre os mais variados perfis de trabalhadores, mesmo em meio àqueles que estão na condição de trabalho, mas com o receio de perderem seus empregos. Diante dessa perspectiva, são apresentados, neste estudo, os resultados de uma pesquisa que buscou analisar a saúde mental de trabalhadores desempregados com ensino superior. Visto a proposta do estudo, constata-se que não se pode discorrer sobre a temática desemprego sem comentar a categoria trabalho.

Trabalho e desemprego

O trabalho, desde a antigüidade é um modo de existir e de viver. Como atividade central, não denota apenas seu modo de manifestar e exprimir: os significados do trabalho transcendem a isso. Ele detém elementos para se auto-entender, sendo que, é a partir do próprio trabalho que o indivíduo pode se analisar, passando, então, a ser produtor de subjetividades (Barembritt, 1992). Compreende-se, de acordo com Brant e Melo (2001), que a atividade laboral pode ser considerada como um elemento instituidor da condição humana, tanto em seus aspectos sociais quanto simbólicos.

Marx (1975) exalta a importância do trabalho, enfatizando que ele deveria ser humanizador e digno, mas com o surgimento do capitalismo torna-se mercadoria e pode ser caracterizado como alienante, explorador, humilhante e monótono devido à excessiva simplificação.

A importância que o trabalho assume na vida dos indivíduos é destacada por Cattani (2000), ao afirmar que a sociedade capitalista exalta o trabalho como dever moral e assim o desemprego passa a assumir, também, grande relevância social. Destarte, o desemprego passa também a ser compreendido como um *status* social inferior e não apenas como a ausência de atividades e de relações assalariadas.

Oliveira (2004) sinaliza que as pessoas que perderam ou vieram a deixar seus empregos foram todas cruzadas pela interrupção do trabalho em suas vidas. De acordo com Cardoso (2004), as conseqüências do desemprego na vida do indivíduo atingem questões não somente de ordem financeira, mas também de ordem social, pessoal e familiar, influenciando ainda em sua identidade profissional e psicológica. Dejours (2003) aponta que o indivíduo desempregado, ao não conseguir trabalho, passa por um processo de dessocialização progressivo, causador de intenso sofrimento. Surgem, dessa forma, indivíduos expostos ao desemprego e à aceitação de trabalhos precários que produzem reações no indivíduo no âmbito pessoal e profissional. O medo, o pânico e a constante insegurança são rastros do indivíduo que tenta, de alguma forma, acompanhar as metamorfoses das informações e das mudanças tecnológicas, sem parar de correr atrás do tempo perdido.

Criam-se, assim, empregados e desempregados com forte sentimento de culpabilidade e medo (Estramiana, 1992), tornando – se vulneráveis às doenças mentais. O mecanismo que liga o desemprego aos transtornos mentais ainda não está totalmente compreendido e, para alguns autores (Ezzy, 1993; Graetz, 1993), existe um certo tipo de desemprego (a saída de um emprego monótono e repetitivo, limitador das habilidades do indivíduo) que pode apresentar efeitos positivos, da mesma forma que certos empregos têm efeitos negativos sobre a saúde mental. Um dos modelos de análise é proposto por Seligmann-Silva (1994), no qual entende a Psicopatologia do Desemprego como aquela que emerge de distúrbios psiquiátricos decorrentes do desemprego. Contudo, o agravamento da problemática desemprego fica evidente, quando se admite a simples possibilidade de que a perda do emprego já pode desencadear um processo patológico. A autora considera que o afastamento do trabalho sempre representa uma ruptura, uma perda e, então, sempre acarreta um sofrimento.

A leitura de Bauman (2005, p.20) frente à experiência do desemprego representa uma condição de sem-teto social, correspondendo à perda da auto-estima e do propósito da vida. De acordo com o autor, os trabalhadores desempregados tornam-se trabalhadores redundantes:

Ser "redundante" significa ser extranumerário, desnecessário, sem uso – quaisquer que sejam os usos e necessidades responsáveis pelo estabelecimento dos padrões de utilidade e de indispensabilidade. [...] Ser declarado redundante significa ter sido dispensado pelo fato de ser

dispensável – tal como a garrafa de plástico vazia e não-retornável [...]. "Redundância" compartilha o espaço semântico de "rejeitos", "dejetos", "restos", "lixo" – como refugio. O destino dos desempregados, do "exército de reserva da mão-de-obra", era serem chamados de volta ao serviço ativo. O destino do refugio é o depósito de dejetos, o monte de lixo.

Diante desse cenário, ressalta-se a importância de um olhar voltado para esses que estão sem um lugar profissional e mesmo social. Nesse contexto, a relevância do estudo emerge da condição de que o desemprego interfere na vida do desempregado como um todo, necessitando, assim, um maior aprofundamento frente às poucas possibilidades de estudos, em geral, sobre saúde e desemprego no Brasil.

Metodologia

Delineamento

A pesquisa teve caráter qualitativo, e cunho exploratório-descritivo. Pesquisas dessa natureza propiciam a obtenção de dados diretos e descritivos a partir da interação, a qual envolve uma abordagem naturalística e interpretativa perante seus conteúdos (Denzin & Lincoln, 2006). Isso significa que os pesquisadores que optam por essa metodologia investigam o fenômeno ao natural, de forma a dar um sentido ou interpretar os conteúdos nos termos que as pessoas os trazem. Assim sendo, o caráter qualitativo não privilegia a generalização das informações, visto que propõe o “aprofundamento e abrangência da compreensão do fenômeno em estudo” (Krawulski, 2004, p. 52).

Participantes

Os participantes desta pesquisa foram seis sujeitos, de ambos os sexos, com cursos de graduação distintos, conforme tabela 1. Os critérios de inclusão para os participantes do estudo foram:

- Homens e mulheres desempregados (as) há mais de quatro meses, com ensino superior completo, na faixa etária compreendida entre 24 e 40 anos, que já tivessem tido alguma experiência anterior de trabalho e que tivessem preenchido uma ficha de emprego nas agências contatadas.

Tabela 1 – Descrição dos Participantes

Participante	Sexo	Estado Civil	Filhos	Idade (anos)	Tempo de Desemprego	Formação
P1	Feminino	Solteira	Não	25	1 ano	Psicologia
P2	Feminino	Casada	2	40	1 ano e 7 meses	Administração; Pós-Graduada em Marketing; Cursando Direito
P3	Masculino	Solteiro	Não	23	5 meses	História; Pós-Graduando em História
P4	Feminino	Solteira	Não	24	7 meses	Tecnologia da Informação
P5	Feminino	Casada	1	31	1 ano	Pedagogia
P6	Feminino	Casada	1	33	8 meses	Enfermagem

Procedimentos de Coleta de Informações

Os participantes foram contatados através de agência de emprego no interior do Rio Grande do Sul. O instrumento utilizado foi uma entrevista semi-estruturada em profundidade, gravada e transcrita para fins de análise.

As questões que nortearam a entrevista foram desenvolvidas a partir dos objetivos propostos e compreenderam o entendimento de questões como significados do trabalho, sentimentos de estar desempregado, mudanças no contexto de vida e considerações sobre a escolaridade x desemprego.

Foi realizado um estudo piloto envolvendo quatro participantes, a fim de adequar as questões norteadoras da entrevista e corrigir possíveis erros e omissões na elaboração das perguntas. Os dados e os participantes do estudo piloto não foram considerados nos resultados e na análise do estudo final.

Procedimentos de análise dos dados

As respostas às questões descritivas foram analisadas qualitativamente por meio do procedimento de análise de conteúdo (Bardin, 1977). Trata-se de estudo qualitativo de casos, não representativo estatisticamente, mas cuja significação é alcançada pela diversificação das situações vivenciadas pelos trabalhadores e da escolha de categorias que permitem uma aproximação do fenômeno estudado. Em pesquisas qualitativas existe uma preocupação menor com a generalização e maior com o aprofundamento e abrangência da compreensão seja de um grupo social, de uma organização, de uma política ou de uma representação, motivo pelo qual o critério de amostragem não é numérico.

Não há a preocupação de construir distribuições de frequências das categorias ou realizar análises estatísticas sobre as incidências das mesmas. Assim sendo, como se trata, de modo geral, de poucos participantes e não se utiliza randomização, uma fala é tão importante como falas repetidas – ambas contribuem para a compreensão do fenômeno estudado e para teoria.

Procedimentos Éticos

Primeiramente a proposta desta pesquisa foi encaminhada ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e aprovada sob número CEP 07/057. Em conformidade com as diretrizes propostas na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (1996) para pesquisas que envolvem seres humanos, foram fornecidas aos participantes informações referentes aos procedimentos da pesquisa, os objetivos do estudo, a liberdade para decidir participar ou não, bem como a possibilidade de desistir a qualquer momento (presente ou futuro), a confidencialidade das respostas, os benefícios esperados, a garantia de esclarecimentos e a ausência de riscos. Após as informações, solicitou-se que os participantes assinassem o termo de consentimento livre e esclarecido.

Resultados e Discussão

Os enunciados foram agrupados em cinco grandes temas: 1) *trabalho*; 2) *desemprego e saúde mental*; 3) *desemprego x escolaridade*; 4) *estratégias* e 5) *futuro*. Apresentam-se, a seguir, as categorias criadas dentro de cada tema, exemplificando-as com os relatos dos próprios participantes.

Trabalho

Nesta temática encontram-se todos os sentimentos manifestos pelos participantes referentes às vivências e concepções sobre o mundo do trabalho. Os significados do trabalho, para esses desempregados, têm apenas uma conotação positiva, ou seja, atribuíram ao trabalho as seguintes concepções que representam cada uma das subcategorias: valorização pessoal, remuneração, sentimento de utilidade e a centralidade do trabalho em suas vidas. Ficou evidente que a condição dos participantes na busca por uma recolocação no mercado faz com que eles supervalorizem o trabalho em si, sendo que em nenhum momento conseguiram pensar no trabalho como fonte de sofrimento.

A sensação de ser valorizado é um sentimento de que o trabalho tem sentido e valor por si mesmo (Mendes & Tamayo, 2001), além disso, a valorização envolve também o reconhecimento dos outros e a aceitação do que faz. Constatou-se que o trabalho era muito importante para o bem-estar e, por conseguinte, proporcionava prazer para tais participantes. Ao sentir-se valorizado, o trabalhador percebe que é útil no que faz, bem como para a empresa e a sociedade. Derivam-se, assim, sentimentos de utilidade à medida que o trabalho tem importância tanto para o indivíduo quanto para a organização. Deste modo, o sentimento de utilidade foi mencionado pelos participantes como um significado direto atribuído ao trabalho, conforme as falas:

“(...) [Trabalhando] Se sente mais útil, sabe. Mais segura, mais... confiante... Se sente melhor.” (P6).

“(...) Tem uma questão de você se sentir útil.” (P8).

A recompensa financeira, fruto do que o trabalhador produziu com o seu trabalho, foi mencionada como a possibilidade de acesso ao consumo e à sobrevivência. Marx (1987) referiu que todo o “operário” vende a sua força de trabalho ao capitalista em troca de dinheiro, ou seja, de um salário.

“(...) é importante você se sentir assim... tu ganha o teu dinheirinho, tu pode comprar o que quiser, tu pode pagar tuas continhas.” (P6).

O trabalho, citado pelos participantes como sentido de vida significativo e representativo da identidade, permite-nos afirmar que assume uma conotação central na vida desses participantes. De acordo com Paro (1999), “o trabalho é central porque possibilita a realização do *bem viver*”, que é precisamente o usufruir de tudo que o trabalho pode propiciar.

“Trabalhar, nossa significa tudo, futuro, força de vontade, dinamismo (...) tem sentido de vitória.” (P4).

“(...) trabalho é a minha vida.” (P8).

O trabalho tem uma representação estruturante e significativa para a vida dessas pessoas, evidenciando que mesmo sem trabalho eles continuam considerando-o como central.

Desemprego e saúde mental

Nessa temática estão agrupados conteúdos que influenciam diretamente na saúde mental dos participantes: os sentimentos frente ao desemprego, o adoecimento físico, o tempo livre, a reação das pessoas diante do desemprego e as vivências positivas dessa condição.

Tudo aquilo que eles destacaram com relação à importância do trabalho para eles aparece novamente aqui, mas com a conotação contrária, ou seja, como contraponto nos sentimentos dos participantes em relação ao desemprego foram destacados: inutilidade, impotência, infelicidade e culpabilização, apresentados respectivamente pelas seguintes falas:

“(...) eu estou me sentindo uma inútil (...) parece, assim, que entrou uma facada (...).” (P1).

“[Não ter mais um trabalho para ir] Significa um sentimento de impotência.” (P3).

“(...) antes eu tinha uma felicidade, que, agora, eu não tenho.” (P3).

“(...) já podia ter feito, ao menos, a especialização; talvez eu iria conseguir um emprego.” (P1).

A vulnerabilidade fica evidente ao se constatar que o desemprego abala profundamente a auto-estima das pessoas. Sentir-se impotente e incapaz pode representar um abalo a todas as características profissionais desse trabalhador que se encontra sem nenhuma referência. Além disso, a infelicidade mencionada pelos participantes alude que o desemprego não só diz respeito ao mundo do trabalho, mas sim, respinga em todos os contextos de sua vida. Esse sentimento de estar infeliz traz uma crítica à idéia de que ser feliz é não ter nada para fazer.

Diante desse ambiente de incertezas quanto ao futuro profissional e de auto-estima vulnerável, o trabalhador tende a culpar-se pelo seu desemprego. Os

participantes se auto-recriminam por não conseguirem trabalho, pela tristeza que os acomete e ainda culpam-se por terem sido demitidos de seus empregos. Essa auto-cobrança elevada torna-os mais fragilizados e os pressiona a conseguir um emprego a qualquer custo, visto que a culpa e cobrança andam juntas.

No que concerne ao adoecimento físico dos participantes, pode-se analisar que o desemprego os deixou vulneráveis a diversas conseqüências: alterações no peso, insônia, dores diversas, tensão e sensação de cansaço. Poder-se-ia nomear essas patologias como uma somatização diante do estado de desemprego, no qual as dores e sofrimentos internos não são expressos pelas palavras e, sim, pela via corporal, o que, de acordo com Dejours (2003), é uma situação muito perigosa não somente ao funcionamento psíquico, mas também ao corpo.

Os achados em relação ao adoecimento físico são muito bem anunciados por Seligmann- Silva (1994, p.80), ao afirmar que os desempregados são acometidos por uma “fadiga crônica ou fadiga patológica marcada, não apenas pelo cansaço que não cede ao sono diário, mas também pelos distúrbios do sono, pela irritabilidade, pelo desânimo e, às vezes, por dores diversas e perda de apetite”. A partir das falas compreende-se o nexos entre desemprego e agravos à saúde:

“(...) eu saí [do seu último emprego] com 47 quilos. Agora eu estou com 57 quilos (...) engordei 10 quilos.” (P2).

“(...) eu emagreci muito... Eu fiquei mal, mal. Eu fui parar no hospital; eu fiquei internada durante duas semanas [um mês depois que saiu do emprego].” (P6).

“(...) durmo pouco, tu fica pensando (...) Acordo no meio da noite, de madrugada (...) Trabalho, trabalho, trabalho... fico pensando aonde que eu posso entregar currículo, quanto tempo vai demorar.” (P4).

“(...) eu tenho bastante dor de estômago (...) qualquer coisa já me dá dor de cabeça (...) meu estado imunológico, dor de garganta (...) até na minha menstruação semana passada trancou e não vinha.” (P1).

Em relação ao tempo livre do desempregado, percebe-se que este tende a preencher boa parte do seu cotidiano dispendendo energia para achar um emprego. No entanto, existiria outra atividade legitimada pela sociedade para o desempregado a não ser procurar um emprego?

“Hoje o meu dia-a-dia é imprimir currículo e correr atrás de emprego todos os dias. O que aparecer, eu estou pegando (...) largo o currículo hoje, semana que vem eu passo na empresa de novo, entendeu, para ver como é que está.” (P7).

“(...) [Dia-a-dia] quando eu não saio para fazer alguma entrevista, ou, às vezes, levar currículo (...)” (P8).

A temporalidade que o mundo do trabalho oferecia anteriormente deve ser modificada, ficando o indivíduo à mercê de um tempo sem atividades/rotinas para preenchê-lo. A procura constante por um emprego, nas inúmeras tentativas em busca de oferta da mão-de-obra em diversas organizações, corresponde à forma como estes indivíduos buscam preencher seu tempo. Horas e mais horas destinadas à procura por um emprego, a falta de uma rotina e de compromissos, como também as tentativas fracassadas tendem a corroborar com a angústia e a falta de vontade:

“O tempo passa, mas eu não vejo (...) Já começou o ano e eu estou parada. Então, isso também angustia um monte. É o dia que passa, mas tu não... Tu vê que tem gente indo, e tu está ali”. (P1).

“(...) a vontade de fazer as coisas, por exemplo, tu fica em casa, não tem nada para fazer, tu sai na rua tu fica perdida, às vezes, que não tem vontade de fazer as coisas.”(P4).

Frente a essa nova rotina de vida existem ainda fatores que dizem respeito ao *status* social desse trabalhador. As restrições frente aos bens de consumo expressam a imensa dificuldade de não poder ser um consumista numa sociedade de consumo, regida por uma produção capitalista, na qual os bens materiais proporcionam o prestígio social:

“(...) sou apaixonada por perfume. Ah, mas daí como é que tu vai comprar um perfume importado? Não tem como.” (P2).

Chama a atenção pensar qual é o lugar social desse desempregado que, de acordo com Caldas (2000), ocupa uma posição de menor prestígio, desviante, não fornecendo o sentido de pertença ao social. Nessas condições é inevitável o sentimento de vergonha e decadência frente ao outros, expresso tão tristemente pelos entrevistados:

“(...) Me sinto mal, sabe, diante das pessoas sabendo que está desempregada... A pessoa se sente mal, sabe; quando tu não consegue teus objetivos. Tu pensa, assim: o que vão falar, o que vão dizer.” (P6).

A reação das pessoas frente ao desemprego, principalmente da família, corresponde a uma ambivalência frente à situação, isto é, de um lado a cobrança por um novo emprego e por outro o apoio, tanto moral quanto financeiro. O desemprego desestabiliza todos aqueles que convivem com o trabalhador que ficou desempregado, num misto de cobrança, discórdias, subsídios, pena, pressão e apoio.

“(...) a mãe, ou a irmã, querem saber: E aí, arrumou um emprego? Conseguiu alguma coisa? Daí tu fala: Ainda não consegui nada”. (P3).

“(...) a gente tem recebido muito apoio de todos que estão ao nosso redor... apoio e cobrança também.” (P8).

A família representa um fator importantíssimo para o desenvolvimento de um suporte, ajuda emocional e compreensão para o indivíduo que se encontra desempregado. De acordo com Lansberry (1992), a família constitui um fator de grande influência para o indivíduo, com boas condições de oferecer apoio para sua adaptação e equilíbrio frente à nova situação.

Além de ter a família como um porto seguro, os participantes mencionaram que o desemprego, apesar de ter conseqüências tão nefastas, pode, de alguma forma, propiciar dois fatores importantes e positivos para seu próprio desenvolvimento: um maior convívio com a família e amadurecimento pessoal.

Desemprego x escolaridade

A questão da escolaridade de nível superior foi um dos aspectos contemplados neste estudo. Frente a esta temática tenho estudo, mas não tenho emprego emergiram categorias, basicamente, de conotação negativa: arrependimento de um investimento financeiro sem retorno, decepção, ilusão frente à faculdade e omissão da escolaridade.

A falta do retorno financeiro que esperavam obter com o ensino superior demonstra o arrependimento do investimento feito num curso superior. Aludem que um curso técnico traria resultados mais imediatos.

“(...) tu gasta bastante e tu não tem retorno, tu entende, aí tu vê pessoas que estão fazendo cursos profissionalizantes, um ano meio... e estão ganhando mais do que você que faz quatro anos de faculdade (...) já pensei, assim, se tivesse feito [curso profissionalizante] estaria ganhando mais do que fazer uma faculdade.” (P5).

Assim, a decepção é uma questão inerente a esse processo. Essa decepção é devida a todo um investimento, não só a nível financeiro, que foi realizado em uma formação e que não apresenta resultado algum:

“Meu Deus, o que adiantou estudar cinco anos? Estou aqui me sentindo assim...” (P1)

“É uma frustração muito grande! Eu fiz faculdade particular, busquei todo meu futuro, sempre trabalhei sabe... na faculdade tu tem uma expectativa que depois que tu te forma, que sai de um emprego e que vai surgir outros (...).” (P5).

Nesse contexto, Felisberto (2001) traz à tona que o diploma universitário não é mais uma garantia de emprego, devido às elevadas taxas de desemprego entre a população com ensino superior. No entanto, a ilusão fazia-se presente durante a faculdade:

“Toda faculdade é sinônimo de emprego. Você entra lá pensando que você já vai sair empregado ou já quase trabalhando. Pelo menos eu pensava isso (...).” (P7).

“(...) todo mundo, na faculdade mesmo, cria aquilo: Vocês vão se formar e vão achar um emprego.” (P1).

Evidentemente, a escolarização acaba trazendo expectativas que a realidade não satisfaz. Acima disso, tais participantes acabam por experimentar situações nas quais a escolaridade passa a ser um empecilho:

“(...) ofereceram um salário bem baixo, quatrocentos e pouquinho, eles não me contrataram por eu sou formada, eles tinham medo que eu ficasse só uns meses (...) Às vezes, isso até atrapalha.” (P4).

“O que tem mais me atrapalhado no emprego (...) em certos lugares eu tiro que eu sou formado, sabe, deixo só que tenho o segundo grau, para tentar alguma coisa.” (P7).

Vê-se aqui a perversidade da estrutura econômica atual regida pelo sistema capitalista: o estudo é importante para conseguir um bom emprego, mas não há vagas para todos e, para tentar conseguir uma posição no mercado de trabalho, o candidato tem que suprimir parte de sua formação.

Estratégias de enfrentamento

Os trabalhadores passaram a utilizar, mesmo que de forma inconsciente, estratégias de enfrentamento perante a emaranhada experiência do desemprego. Estas estratégias, na leitura de Simon (1989), numa abordagem psicanalítica, poderiam ser denominadas como recursos internos ou defensivos utilizados pelo sujeito ao deparar-se com uma crise. Verificou-se, assim, que as estratégias encontradas tinham como base a identificação com o outro, a aceitação de trabalhos informais ou, em outra área, o envolvimento com os estudos.

Como forma de tornar o desemprego um fenômeno comum, os entrevistados buscavam aproximar-se de realidades similares às suas:

“Eu estou procurando falar mais com essas meninas que se formaram: como é que elas estão. Disseram também que era assim, que também ficaram mal, que não sou só eu. Então isso também ajuda.” (P1).

“(...) é uma realidade que tu vê não só comigo, tu vê na televisão um monte de pessoas que estão há 5, 6 anos sem emprego, pessoas que não têm formação, pessoas que fizeram uma formação, e também não estão trabalhando (...).” (P5).

Ao contrário de outros estudos (Caldas, 2000; Cardoso, 2004) com desempregados de nível médio, os participantes não buscavam trabalhos por conta própria (“bicos”), visando a alguma remuneração, como forma de driblar o desemprego. Dois participantes citaram essas atividades como uma forma de ficar na ativa, mas não como garantia de sustento e sobrevivência. Constata-se assim, que os chamados “bicos” não se apresentam como solução para estes trabalhadores que buscam incessantemente algum tipo de trabalho formal com carteira assinada.

A dificuldade em encontrar um emprego demanda a necessidade de sujeição de trabalhar em condições denominadas de: “o que vier na frente”, ratificando assim uma estratégia de sobrevivência adotada por estes trabalhadores. Nesse âmbito, a aceitação de trabalhos em outras áreas de atuação, principalmente quando o desemprego se prolonga, retrata a situação que o IBGE (2000), conforme os dados do Censo Demográfico, destaca, ou seja, há um grande contingente de pessoas com curso superior que não trabalham na área em que se formaram.

“(...) eu não estou mais nem procurando enfermagem. Estou, assim, tentando... o que tiver, eu estou entrando (...).” (P6).

“(...) eu não consigo na minha área, nada no administrativo, vou tentar com vendas, logo tenho que conseguir.” (P4).

“A parte mais frustrante, talvez, é essa questão, realmente, de viver numa situação que agora eu tenho que correr atrás de qualquer emprego, e de qualquer área, para, pelo menos, sobreviver, pagar as contas.” (P8).

Frente a essa situação, todos os trabalhadores encontram no estudo para concurso uma forma de mascarar o tempo livre decorrente do desemprego. O rótulo de desempregado evidenciou-se ser muito doloroso, denotando assim a preferência dos entrevistados por dizer que estão estudando, do que expor que estão desempregados. De fato, parece que os concursos podem representar uma alternativa, mesmo que tão disputados, de conseguir novamente uma reinserção profissional. Nessa lógica, vê-se que o “boom” dos concursos públicos surge com o crescente desaparecimento dos empregos estáveis (Antunes, 1999).

“(...) desisti de procurar emprego e estudo para concurso”. (P1).

“Umás quatro horas por dia... estudando [para concurso].” (P2).

“Eu estou estudando para concurso (...)” (P4).

Futuro

As perspectivas futuras dos trabalhadores também sofrem alterações e passam a se ressignificar com características peculiares, devido à situação de desemprego experienciada. Coutinho, Krawulski e Soares (2007) afirmam que a precariedade, a vulnerabilidade e as fragmentações no mundo do trabalho estabelecem dificuldades para que as identificações se processem e a identidade profissional possa ser constituída. Mostra-se claro que a identidade profissional demandará novas perspectivas, identificações, metas e propósitos. Assim, o desemprego passa a redefinir o trabalho.

As dúvidas expressas por sentimentos de indefinição e imprecisão do futuro e da profissão representam a importância que o trabalho assume na vida das pessoas, pois é a partir dele que os trabalhadores definem seus rumos pessoais e profissionais. Frente a essa falta de significação, emergem as incertezas quanto à melhor direção a seguir:

“(...) tu não sabe nem o que pensar, trocar de curso, ou se tu mudas tua carreira, teu setor de trabalho, tua função, tu fica naquele dilema, não sabe o que fazer.” (P4).

“(...) aí tu fica pensando: O que eu vou fazer? Vou aonde procurar emprego agora?” (P6).

Mostrou-se evidente que a desesperança passa a ser um sentimento inevitável, na medida em que o sonho de “realizar seus projetos profissionais, constituir família e ter independência econômica” (Sarriera, 2000, p. 1) acabam se tornando um “pesadelo”. Ocorre assim a busca frenética por um emprego, mas muitos chegam à desistência diante de inúmeras tentativas frustradas, o chamado desemprego por desalento (Seligmann-Silva, 1997). Nesse percurso, instala-se a desesperança de encontrar um emprego estável e emergem sentimentos de inferioridade, humilhação, fracasso pessoal e abandono de sonhos:

“Tenho medo até de ficar pior.” (P1)

“Um sonho que eu tinha sempre: de fazer mestrado, doutorado, já estou até abandonando (...) infelizmente, às vezes, o sonho de continuar no estudo vai se abandonando [em decorrência do desemprego].” (P8).

Contudo, ainda existe em alguns participantes o desejo e a esperança de conseguir um emprego:

“Alguma coisa vai ter que acontecer de bom... o que eu estou mais pensando, e necessitando, é trabalho. Depois que eu tiver um trabalho, as coisas mudam, sabe. Tanto assim, na minha saúde, o meu físico, quanto o mental... tudo, melhora tudo numa pessoa quando se tem um trabalho (...).” (P6).

De acordo com Dejours, Dessors e Desriaux (1993, p.101):

A saúde mental não é, seguramente, a ausência de angústia, nem o conforto constante e uniforme. A saúde é a existência da esperança, das metas, dos objetivos que podem ser elaborados. É quando há o desejo. O que faz as pessoas viverem é o desejo, e não só as satisfações. O verdadeiro perigo é quando o desejo não é mais possível.

Assim, poucos entrevistados mostraram esperança de conseguir uma recolocação, o que denota agravos à saúde mental desses participantes. É visível a dificuldade de traçar metas e pautar objetivos, os participantes demonstram o desejo de um dia estarem melhor, sinônimo de emprego, mas com poucos recursos para delinear efetivamente a busca por uma recolocação.

Considerações finais

O objetivo do presente estudo foi analisar a saúde mental de trabalhadores desempregados com ensino superior. Os resultados demonstraram o sofrimento e os agravos à saúde mental causados pela situação de desemprego. Os sujeitos desta pesquisa são marcados por sentimentos de depressão, ansiedade, baixa auto-estima, angústia, desânimo, medo frente ao futuro, frustração, vergonha, culpa, incompetência e inutilidade. Estes sentimentos experimentados pelos participantes afetaram significativamente a identidade profissional de cada um. A partir dos seus discursos, torna-se evidente a fragilização da auto-imagem.

Os achados desta pesquisa, sem a pretensão de generalizar os dados, representam um recorte da árdua realidade social que se apresenta no mundo do trabalho. É fato que o trabalho é o responsável pela identidade do indivíduo enquanto profissional, mas também pela sua identidade individual e social. O trabalho confere um lugar de destaque ao trabalhador, uma vez que esse é o papel social valorizado pela cultura e, ao mesmo tempo, representativo do eu (Jacques, 2003). A centralidade do trabalho ficou demarcada até mesmo para aqueles que não possuem um trabalho. O trabalho é sem dúvida uma fonte central de auto-estima e de reconhecimento social. Assim, estar desempregado remete ao indivíduo a perda de seu papel social, visto com menor prestígio.

Os depoimentos dos trabalhadores desempregados em face ao desemprego evidenciaram a dura realidade: de um lado o indivíduo com formação superior, demonstrando vontade e desejo de trabalhar e no outro a impossibilidade concreta de reingressar no mercado de trabalho. Nessa veemente batalha surge o desgaste mental e físico do trabalhador à procura de emprego. Diante dessa situação, ficou notório que quanto mais recente o desemprego, maior o ânimo na procura por emprego. Quanto maior o tempo de permanência do desemprego, maior também se tornava a angústia, levando ao desalento, desesperança e sentimentos de inferioridade. Tais sentimentos emanam do desânimo causado frente às decepções das tentativas sem sucesso.

A busca intensa e frenética por emprego começa a enfraquecer com o passar dos dias e dos meses, além disso, agrava-se ainda mais, quando acontecem tentativas frustradas. Em suma, o desgaste emocional aumenta na mesma proporção do tempo de desemprego. No entanto, os sujeitos não demonstraram habilidades de criação e de

improvisação como forma de ganhar alguma remuneração extra através dos “biscates”, no período de desemprego. Entretanto, vale destacar que nas novas formas de organização e relações de trabalho a criatividade e o imprevisto dos trabalhadores são requisitos importantes, sobremaneira na situação de desemprego.

Alguns sentimentos dos participantes na condição atual de desemprego persistirão por muito tempo, mesmo com o reingresso no mercado de trabalho. As desilusões com as tentativas de procura por emprego despertam sentimentos de desistência, incapacidade e desesperança, bem como é evidente o sentimento de estar parando no tempo, de regressão de vida. Isso tudo leva à frustração e à destruição de sonhos e planos em função do desemprego, mas, acima disso, leva ao aniquilamento de uma identidade de vencedor.

A vergonha por estar na condição de desempregado foi bastante relatada pelos participantes, a qual traz conseqüências importantes para todo o entorno do desempregado. Não estar trabalhando é sinônimo de não receber dinheiro e não ter a possibilidade de ser reconhecido, de ter o *status* social, fato este denominado pelos sujeitos da pesquisa como algo decadente para si mesmos, causador da sensação de impotência e incapacidade. Frente a essa situação de constrangimento pelo desemprego, os participantes tendem a fugir do olhar do outro, evitar encontrar alguém que possa questionar ou julgar sua situação atual. Visto isso, a saída que encontram para diminuir a vergonha e o constrangimento é isolar-se do contexto social.

Em contrapartida aos estudos de trabalhadores desempregados com menor escolaridade (Caldas, 2000), os participantes do presente estudo dificilmente se rendem ao mercado informal, sendo que o sustento passa a ser proveniente da família. Com o prolongamento do período de desemprego, os sujeitos tendem a abdicar de trabalhar na sua área de formação para conseguir reingressar no mercado de trabalho a qualquer custo. Contudo, esbarram na lógica de que para algumas funções detêm muita escolaridade e passam a perder o posto de trabalho para pessoas com escolaridade inferior.

Visto isso em relação à escolaridade, os participantes demonstraram desvalorização de sua experiência acadêmica no sentido de ter sido um investimento sem retorno, tanto financeiro quanto em relação à construção de uma identidade profissional. O estudo de Felisberto (2001) com sujeitos desempregados portadores de diploma universitário constatou que os participantes da pesquisa consideram fundamental a formação universitária. Ao contrário, os trabalhadores desempregados da

presente pesquisa desqualificam a própria formação e a consideram um investimento inválido, sendo que por vezes repensaram se a escolha por um curso profissionalizante não teria sido mais frutífera. A crença de que o diploma universitário seria suficiente para a conquista de um emprego não mais corresponde à realidade atual, fato este que causou nos indivíduos um forte sentimento de decepção e arrependimento frente à formação superior.

Diante desse cenário, a tendência evidenciada é a autculpabilização por não conseguirem uma colocação ou por não se considerarem suficientemente qualificados. Ocorre, então, uma ambivalência de sentimentos e certa confusão acerca da localização social e profissional de cada um. É inevitável o questionamento que sintetiza essa ambigüidade: “Afinal, quem sou? Qual rumo devo seguir?”.

Frente aos achados é possível afirmar que o desemprego está associado a problemas de saúde, tanto de ordem física quanto mental. Cita-se nesse íterim a angústia, as alterações de peso, a insônia, o isolamento social, a desmotivação e as dores generalizadas. À luz das conceituações de Sawaia (1994), o processo de adoecimento ocorre quando existe uma diminuição da potência de agir e isto só poderá ser recuperado através da condição de sujeitos com desejos, pensamentos e sonhos. Contudo, ficou evidente um sentimento de desesperança, desistência e desalento frente à situação de desemprego, corroborando assim com um processo de adoecimento. Não obstante, nada deixa encobrir o íntimo e profundo desejo dos participantes de conseguir “um emprego registrado, certinho”, num mundo onde as relações de trabalho estão cada vez mais mutáveis.

O que tende a moderar os efeitos da desocupação é o apoio moral e financeiro recebido da família. A principal estratégia encontrada por esses indivíduos, com o apoio da família, é estudar para fazer parte do funcionalismo público, onde os riscos de uma demissão involuntária são ínfimos, quando comparados aos outros empregos. Outrossim, a visão positiva do desemprego foi nomeada por alguns trabalhadores, pois este acarretou um amadurecimento e crescimento pessoal, bem como a possibilidade de ficar mais tempo com a família.

Neste estudo não cabem generalizações, pois ele trata de uma pesquisa qualitativa sobre um segmento: trabalhadores em situação de desemprego, portadores de um diploma universitário. Contudo, o estudo reafirma que o desemprego é um fenômeno complexo, com uma diversidade de implicações, principalmente relacionadas à saúde mental. Além disso, o presente estudo não responde a todas as inquietações e

incômodos sobre o desemprego desses trabalhadores. Sabe-se que ainda existe muito para estudar e investigar frente a essa temática.

A partir desta investigação, pode-se, pois, sugerir pesquisas longitudinais que venham acompanhar a trajetória desses sujeitos. Ainda, a questão da informalidade poderia ser investigada com outras áreas de formação superior. Enfim, cabe salientiar ainda a emergente necessidade de aperfeiçoamentos nas estruturas curriculares que possam contemplar uma maior aproximação entre: teoria e realidade, mercado de trabalho e campos de atuação.

5. Referências Bibliográficas

- Angerami, V. A. & Santos, R. A. (1984). Dados sobre a tentativa de suicídio e sua relação com o desemprego. In Suplemento de Ciência e Cultura. *Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*, 36 (7).
- Antunes, R. (1999). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo.
- Antunes, R. (2002). *Neoliberalismo, trabalho e sindicatos: reestruturação produtiva no Brasil e Inglaterra*. São Paulo: Boitempo.
- Arazola, M. L. & Mendes, A. O. (1998). Intervención y prevención en los desajustes provocados por el cese de lá actividad laboral em desempleados mayores. *Revista. Esp. Geriatr. Gerontol*, n 33, p. 32-40.
- Azevedo, J. T.; Bogre, M. C.; Bombardi, V. M.; Chen, M. C.; Mampo, E. Y.; Martins, A. N.; Moraes, A. L.; Oliveira e Silva, A. P. & Silva, M. F. N. (1998). As estratégias de sobrevivência e de busca de emprego adotadas pelos desempregados. *Cadernos de Psicologia Social e do Trabalho*, 1 (1), 1-13.
- Bárbara, M. M. (1999). Reestruturação produtiva, qualificação, requalificação e desemprego: percepção e sofrimento do trabalhador. *Psicologia Ciência e Profissão*, 19 (1), 30-49.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Baremblytt, G. (1992). *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Barreto, M. M. S. (2000). *Uma jornada de humilhações*. Dissertação de Mestrado do Departamento de Psicologia Social, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Bauer, M. W. & Gaskell, G. (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.
- Bauman, Z. (2005). *Vidas desperdiçadas*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2007). *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Blakely, T. A.; Collings, S. C. D.; Atkinson, J. (2003). Unemployment and suicide. Evidence for a causal association? *Journal Epidemiol Community Health*, 57, 594–600.

- Blanch, J. M. (2001). Sin y subempleo: nuevas fuentes de malestar y de exclusión social. In E. Aguilló, C. Remenseiro & J.A. Fernández (Orgs.), *Psicología del trabajo, de las organizaciones y de los recursos humanos* (pp. 208-211). Madrid: Biblioteca Nueva.
- Borcsik, S. P. L. (2006). *Avaliação da ansiedade e do enfrentamento de executivos em situação de desemprego*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Metodista de São Paulo.
- Borges, L. O. (1999). A estrutura fatorial dos atributos valorativos e descritivos do trabalho: Um estudo empírico de aperfeiçoamento e validação de um questionário. *Estudos de Psicologia, Natal*, 4, 1, 107-139.
- Borges, L. O. & Tamayo, Á. (2001). A estrutura cognitiva do significado do trabalho. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, v.1, n.2, p.11- 44.
- Brant, L. & Melo, M. B. (2001). Promoção de saúde e trabalho: desafio teórico e metodológico para a saúde do trabalhador. *Saúde em Debate*. Rio de Janeiro, v.25, p. 55-62.
- Caldana, A. C. F. (2000). *Desemprego e qualidade de vida: estratégias de inclusão social e sobrevivência*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Caldana, A. C. F. & Figueiredo, M. A. C. (2002). Desemprego e Subjetividade: Estratégias de inclusão social e sobrevivência. *Revista Paidéia*, 12 (22).
- Caldas, M. (2000). *Demissão: Causas, efeitos e alternativas para empresa e indivíduo*. São Paulo: Atlas.
- Canguilhem, G. (1990). *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense.
- Caplan, G. (1980). *Princípios da Psiquiatria Preventiva*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Cardoso, A. (2000). *Trabalhar, verbo transitivo: Destinos profissionais dos deserdados da indústria automobilística*. Rio de Janeiro: FGV.
- Cardoso, G. R. (2004). “Estou desempregado, não desesperado” A vivência do desempregado para trabalhadores desempregados do SINE da cidade de Florianópolis. Dissertação de Mestrado, Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Castel, R. (1995). *Les Métamorphoses de la Question Sociale - Une Chronique du Salarial*. Paris: Fayard.

- Castel, R. (1998). *As metamorfoses da questão social: Uma crônica do salário*. Petrópolis: Vozes.
- Castelhano, L. M. (2006). *A perda do emprego, suas implicações subjetivas e as conseqüências para o laço social: uma contribuição psicanalítica*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Cattani, A. D. (2000). *Trabalho e tecnologia: dicionário crítico*. Petrópolis: Vozes.
- Cattani, A. D. (2004). *Trabalho e tecnologia: dicionário crítico*. Petrópolis: Vozes.
- Chanlat, J. F. (1993). *O indivíduo na organização; dimensões esquecidas*. São Paulo: Atlas.
- Chauí, M. (2000). *Convite à filosofia*. (12 ed.). São Paulo: Ática.
- Christensen, U.; Schmidt, L.; Kriegbaum, M.; Hougaard, C. O.; Holstein, B. E. (2006). Coping with unemployment: Does educational attainment make any difference? *Scandinavian Journal of Public Health*, 34, 4, 363-370.
- Cobb, S. & Kasl, S. V. (1979). Some mental health consequence of plant closing and job loss. In L. Ferman & J. P. Gordus, *Mental health and the economy* (255-299). Kalamazoo: WE Upjohn Institute.
- Codo, W. (2000). *Educação, carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes.
- Codo, W. ; Soratto, L. & Menezes, I. V. (2004). *Saúde Mental e Trabalho*. In J. C. Zanelli. , J. E. Borges-Andrade, & A. V. B. Bastos. *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil*. Porto Alegre: Artmed.
- Coutinho, M. C. & Jacques, M. G. (2004). Uma contribuição da psicologia para a análise das implicações do desemprego. *Revista Psico*, 35, 2, 161-167.
- Coutinho, M. C.; Krawulski, E. & Soares, D. H. P. (2007). Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. *Psicologia e Sociedade*, 19, 1, 29-37.
- Dejours, C. (1986). Por um novo conceito em saúde. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 14, 54, 7-11.
- Dejours, C. (1992). *A Loucura do Trabalho – estudo em psicopatologia do trabalho*. (5 ed.). São Paulo: Cortez /Oboré.
- Dejours, C. (2000). *A loucura do trabalho. Estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez.
- Dejours, C. (2003). *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Dejours, C. (2004). Subjetividade, Trabalho e Ação. *Revista Produção*, 14, 3, 27-34.

- Dejours, C., Dessors, D., Desrioux, F. (1993). Por um trabalho, fator de equilíbrio. *Revista de Administração de Empresas*, 33, 3, 98-104.
- Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (2006). *O planejamento da pesquisa qualitativa: Teoria e abordagens*. Porto Alegre: Artmed.
- DIEESE (2007). *Principais Conceitos da Pesquisa de Emprego e Desemprego*. Recuperado em Maio 25, 2007 de <<http://www.dieese.org.br>>.
- Enriquez, E. (1999). *Da horda ao estado* (T. C. Carreiro e J. Nascutti, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Estramiana, A. J. L. (1992). Estudios realizados sobre la asociación entre desempleo y salud mental. In Estramiana, A. J. L., *Desempleo y bienestar psicológico*. (pp.53-80). Madrid: Siglo Veintiuno de Espana.
- Ezzy, D. (1993). Unemployment and mental health: A critical review. *Social Science and Medicine*, 37, 41-52.
- Felisberto, R.F.T. (2001). *Tenho um diploma universitário, mas não tenho emprego: histórias de vida de pessoas que vivem a experiência do desemprego*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Ferrara F. A.; Acebal, E. & Paganini, J. M. (1976). *Medicina de la comunidad, Medicina preventiva, medicina social e medicina administrativa*. Buenos Aires: Inter Médica.
- Ferreira, A. D. O. (2004). *A batalha pela sobrevivência no mundo do trabalho: Trajetórias ocupacionais de egressos do ensino fundamental*. Dissertação de Mestrado, Pós Graduação em Educação, Univerisade Federal de Santa Catarina.
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman.
- Fonseca, T. M. G. (2000). *Gênero, subjetividade e trabalho*. Petrópolis: Vozes.
- Forrester, V. (1996). *O Horror Econômico*. São Paulo: Unesp.
- Franco, M. L. P. B. (1996). *Ensino Médio: desafios e reflexões*. Campinas: Papirus.
- Fundação de Economia e Estatística (2007). *Informe PED 2006*. Recuperado em Outubro 06, 2007 de <http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/pt/content/publicacoes/pg_boletins_ped_anual.php>
- Gallo, W. T., Bradley, E. H., Siegel, M., & Kasl, S. V. (2001). The impact of involuntary job loss on subsequent alcohol consumption by older workers: Findings from the health and retirement survey. *Journal of Gerontology: Social Sciences*, 56B (1), S3-S9.

- Gazzaniga, M. S. (2005). *Ciência psicológica: mente, cérebro e comportamento*. Porto Alegre: Artmed.
- Graetz, B. (1993). Health consequences of employment and unemployment: Longitudinal evidence for young men and women. *Social Science and Medicine*, 36,715-724.
- Grisci, C. (2000). *Trabalho, tempo e subjetividade: A reestruturação do trabalho bancário*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Pucrs, Porto Alegre.
- Guattari, F. & Rolink, S. (1986). *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.
- Guimarães, J. L. (1998). Globalização, desemprego e educação. *Vertentes*, 4, 125-144.
- Gunnell, D., Lopatzidis, A., Dorling, D., Wehner, H., Southall, H. & Frankel, S. (1993). Suicide and unemployment in young people: analysis of trends in England and Wales, 1921-1995. *British Journal of Psychiatry*, 175, 263-270.
- Hammer, T. (1996). Consequences of the unemployment in the transitions from youth to adulthood in a life a course perspective. *Youth an Society*, 27, 4, 450-468.
- Houaiss, A. (2001). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0*. São Paulo: Objetiva.
- IBGE - Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2000). *Censo Demográfico: Brasil..* Rio de Janeiro: IBGE.
- Jacques, M. G. (2003). Abordagens teórico-metodológicas em saúde / doença mental & trabalho. *Psicologia & Sociedade*, 15, 1, 97-116.
- Jahoda, M. (1988). Economic recession and mental health: Some conceptual issues. *Journal of Social Issues*, 44, 13-23.
- Krawulski, E. (2004). *Construção da identidade Profissional do Psicólogo: vivendo as "metamorfozes do caminho" no exercício cotidiano da profissão*. Tese de Doutorado em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Lafargue, P. (1999). *O direito à preguiça*. Tradução de T. Coelho. São Paulo: Hucitec.
- Lansberry, C.R. (1992). Family nursing practice paradigm perspectives and diagnostic approaches. *Adv Nurs Sci*, 15, 2, 66-75.
- Leon, L. M. & Iguti, A. M. (2003). Saúde em tempos de desemprego. In L. A. M. Guimarães & S. Grubits (Orgs.), *Série Saúde Mental e Trabalho* (pp.196-210). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Lima, M. E. A. (2003). A polêmica em torno do nexos causal entre distúrbio mental e trabalho. *Psicologia em Revista*, 10, 14, 82-91.
- Lima, M. E. A. & Borges, A. F. (2002). Impactos psicossociais do desemprego de longa duração. Em: Goulart, I. B. (org.). *Psicologia Organizacional e do Trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Maharajh, H. D. & Ali, A. (2004). Crime in Trinidad and Tobago: the effect of alcohol use and unemployment. *Revista Panam Salud Publica*, 15,6, 417-23.
- Martinez, M. C. (2002). *As relações entre a satisfação com aspectos psicossociais no trabalho e a saúde do trabalhador*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Marx, K. (1984). *A ideologia alemã*. Editora Moraes: São Paulo.
- Marx, K. (1987). *Trabalho Assalariado e Capital*. São Paulo: Editora Acadêmica.
- Marx, K. (2004). *Manuscritos econômicos-filosóficos*. Lisboa: Edições.
- Meaning of Work International Research Team. (1987). *The meaning of working*. London: Academic Press.
- Mendes, A. M. & Tamayo, Á. (2001). Valores organizacionais e prazer-sofrimento no trabalho. *PsicoUSF*, 6,1,39-46.
- Merlo, A. R. C., Vaz, M. A., Spode, C. B., Elbern, J. L. G., Karkow, A. R. M. & Vieira, P. R. de B. (2003). O trabalho entre prazer, sofrimento e adoecimento: a realidade dos portadores de lesões por esforços repetitivos. *Psicologia & Sociedade*, 15 (1), 117-136.
- Mészáros, I. (2002). *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo.
- Minayo, M. C. S. (2003). *Pesquisa Social*. Petrópolis: Vozes.
- Monteiro, J. K.; Bottega, D.; Machado, F. R.; Sellmer, K. D. L.; Carniel, L. B. & Paim, L. (2005). Atendimento Psicológico a Desempregados de Longa Duração. *Anais II Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde. Desafios da fragilidade da vida na sociedade contemporânea II Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde Anais*. Florianópolis.
- Moura, E. P. G. (2001). Subjetividade e Desemprego. *Expressão Psi*. V. 5 (1). São Paulo.
- Murphy, G. C. & Athanasou, J.A. (1999). The effect of unemployment on mental health. *Journal Of Occupational and Organizational Psychology*, 72, 83-99.
- Nardi, H. C. (1999). *Saúde, trabalho e discurso médico. A relação médico-paciente e o conflito capital trabalho*. São Leopoldo: Unisinos.

- Noronha, J. & Soares, L. T. (2001). A política de saúde no Brasil nos anos 90. *Ciência e Saúde Coletiva*, 6, 2, 445-450.
- Nunes, E. & Carvalho, M. M. (2007). Ensino universitário, corporação e profissão: Paradoxos e dilemas brasileiros. *Sociologias*, 9, 17, 190-215.
- Organização Internacional do Trabalho. *Publicações*. Recuperado em 19 agosto, 2007, de <http://www.oitbrasil.org.br/inst/index.php>.
- Oliveira, J. F. (2004). *Tecnologia, trabalho e desemprego*. São Paulo: Érica.
- Paiva, V. (1998) Educação e trabalho: notas sobre formas alternativas de inserção de setores qualificados. *Contemporaneidade e Educação*, 8-21, 4.
- Paro, V. H. (1999). Parem de preparar para o trabalho!!! Reflexões acerca dos efeitos do neoliberalismo sobre a gestão e o papel da escola básica. In: Ferreti, C. J.; Silva Jr., J. R.; Oliveira, M. R. S. (Orgs). *Trabalho, Formação e Currículo: Para onde vai a escola?* São Paulo: Xamã.
- Paugan, S. (1991). *La disqualification sociale*. Paris: PUF.
- Peres, R. S.; Silva, J. A.; Carvalho, A. M. R. (2003). Um olhar psicológico acerca do desemprego e da precariedade das relações de trabalho. *Revista Psicologia Teoria e Prática*, 5, 1, 97-110.
- Peterson, M. & Dunnagan, T. (1998). Analysis of a worksite health promotion program's impact on job satisfaction. *Journal of Occupational and Environmental Medicine*, 40 (11), 973-979.
- Pimentel, R. G. (2007). “E agora, José?”: jovens psicólogos recém formados no processo de inserção no mercado de trabalho. Dissertação Mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Pochmann, M. (2001). *O Emprego na Globalização*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Ranzijn, R. (2001). Motivation for productive ageing in Australia. *Hallym International Journal of Aging*, 3, 1, 95–113.
- Ranzijn, R.; Carson, E.; Winefield, A. H.; Price, D. (2006). On the scrap-heap at 45: The human impact of mature-aged unemployment. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 79, 467–479.
- Rifkin, J. (1995). *O Fim dos Empregos*. São Paulo: Makron Books Ltda.
- Rocha, L.; Carvalho, M.; Barreto, M. (Orgs.) (1999). *Impactos do desemprego na saúde de homens e mulheres*. Cartilha. São Paulo: UBM.
- Sant’Anna, D. B. de (2001). *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade.

- Santos, J. B. F. (2000). *O avesso da maldição do Gênesis: A saga de quem não tem trabalho*. São Paulo: Annablume.
- Sarriera, J.C. (2000). Educação para a integração entre culturas e povos: da aculturação para o multiculturalismo. Em: Sarriera, J.C. (Ed.) *Psicologia comunitária: estudos atuais*. (pp. 179-202). Porto Alegre: Sulina.
- Sato, L. & Schmidt, M. L. S. (2004). Psicologia do Trabalho e Psicologia Clínica: um ensaio de articulação focalizando o desemprego. *Estudos de Psicologia*, 9, 2, 365-371.
- Sawaia, B. B. (1994). Dimensão ético-afetiva do adoecer da classe trabalhadora. In Lane, S. T. M.; Sawaia, B. B. (Orgs). *Novas veredas da Psicologia Social* (pp.157-168). São Paulo: Brasiliense.
- Scarparo, H. (org.). (2000). *Psicologia e Pesquisa: perspectivas metodológicas*. Porto Alegre: Sulina.
- Seligmann-Silva, E. (1994). *Desgaste Mental no Trabalho Dominado*. São Paulo: Cortez.
- Seligmann-Silva, E. (1997). A interface desemprego prolongado e saúde psicossocial. In J. Silva & S. Jardim (Eds.), *A danação do trabalho* (pp.19-63). Rio de Janeiro: TeCorá.
- Sherafat, F. (2002). *Produtividade na ótica do trabalhador: uma análise dos aspectos que afetam o desempenho, criatividade e auto-estima dos funcionários no ambiente de trabalho*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.
- Silva, M. F.J. (2006). *Para onde vamos? A saúde física e mental de ex-empregados do mercado de trabalho formal, do ramo da metalurgia, que se encontram empregados/ocupados na informalidade. Um estudo comparativos entre Brasil e Argentina*. Tese de Doutorado, Pós Graduação em Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Simon, R. (1989). *Psicologia clínica preventiva: Novos fundamentos*. São Paulo: EPU.
- Singer, P. (1999). *Globalização e desemprego. Diagnóstico e Alternativas*. São Paulo: Contexto.
- Stankunas, M.; Kalediene, R.; Starkuviene, S. & Kapustinskiene, V. (2006). Duration of unemployment and depression: a cross-sectional survey in Lithuania. *BMC Public Health*, 6, 174.

- Straus, M. A. & Smith, C. (1995). Family patterns and child abuse. In: *Physical Violence in American Families Risk Factors and Adaptations to Violence*, 8.145 Families (M. A. Straus & R. J. Gelles, ed.), pp. 245-261
- Stewart, J. W. (2001). The impact of health status on the duration of unemployment spells and the implications for studies of the impact of unemployment on health status. *Health Econ* 20, 781-96.
- Svensson, G. & Zollner, P. (1985). Health policy implications of unemployment. *Who Regional Office for Europe*, 409-425.
- Tittoni, J. (1994). *Subjetividade e trabalho*. Porto Alegre: Ortiz.
- Tolfo, S. R. & Piccinini, V. (2007). Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia e Sociedade*, 19, 38-46.
- Tumolo, L. M & Tumolo, P. S. (2004). A Vivência do Desempregado: Um Estudo Crítico do Significado do Desemprego no Capitalismo. *Espaço Acadêmico*, 43, 1-13.
- Vasconcelos, Z. B & Oliveira, I. D. (orgs.) (2004). *Orientação vocacional: alguns aspectos teóricos, técnicos e práticos*. São Paulo: Vetor.
- Veiga, H. M.S. & Silva, N. I. A. (2007). Construção de escala para avaliar sofrimento psíquico-social de trabalhadores desempregados. *Avaliação Psicológica*, 6, 1, 13-20.
- Werner, M. (2002). *O processo de implantação da reestruturação produtiva: experiências e vivências dos trabalhadores – um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- Wickert, L. F. (1999). O adoecer psíquico do desempregado. *Psicologia Ciência e Profissão*, 19,1, 66-75.
- Winefield, A. H. (2002). The psychology of unemployment. In L. Backman & C. von Hofsten (Eds.), *Psychology at the turn of the millennium*, Vol. 2: Social, developmental and clinical perspectives (pp. 393–408). Hove: Psychology Press.

6. APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro de Entrevista

1. Dados Pessoais

Nome:

Idade:

Estado civil:

Se casado, informações sobre a esposa (idade, formação, ocupação atual,):

Filhos: () sim () não Quantos:

Com quem reside(m):

Formação:

Tempo que está desempregado:

2. Informações sobre Trabalho

Significado do trabalho (sentido do trabalho)

Histórico de trabalho (últimas funções desenvolvidas, tempo de empresa).

Desligamento do último trabalho (motivo, reação...)

Outras ocupações (trabalho voluntário, bicos).

3. Experiência do desemprego

Compreender o dia-a-dia (como ocupa seu tempo)

Lugares que costuma freqüentar

Mudança de hábitos

Sentimentos em estar desempregado

Mudanças na vida; do que mais sente falta

Modificações no peso; sono; humor; outras (sensações físico-emocionais associa a esta situação)

Desenvolvimento de alguma “dor” ou desconforto (distúrbios psicossomáticos)

Utiliza algum tipo de medicação

Vício(s)

Relação com familiares e amigos (compreender redes, contatos sociais, apoio)

4. Estratégias frente ao desemprego

Principais dificuldades no momento atual

O que tem feito frente a essa situação (ações; enfrentamento; crenças)

Faz algo diferente que não fazia antes de ficar desempregado

Quanto à escolaridade, como percebe o desemprego na sua área de formação

Motivos que podem estar contribuindo para o desemprego

Investigar projetos/perspectivas para futuro

Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O cenário contemporâneo do trabalho tem passado por profundas e intensas transformações que envolvem também a figura do trabalhador. Uma dessas principais modificações ocorridas foi o aumento das taxas de desemprego. Frente a isso, este estudo objetiva analisar a saúde mental dos trabalhadores com ensino superior, em situação de desemprego. Para a realização do estudo será utilizada uma entrevista em profundidade. O estudo está sob responsabilidade da psicóloga e mestranda em Psicologia Clínica Letícia Ribeiro Souto Pinheiro. Para tanto, convido-o a participar do presente pesquisa acima descrita.

Eu _____ (nome do participante), declaro ter recebido uma explicação clara e completa sobre a pesquisa acima mencionada e o procedimento que será utilizado, sabendo que não serei identificado. Estou ciente de que poderei interromper minha participação na pesquisa assim que desejar, como também não estou obrigado a responder a todas as questões. Compreendo que a pesquisa não me trará qualquer despesa pessoal. Caso venha a sentir algum desconforto nesta pesquisa, poderei, se assim desejar, ser encaminhado para a rede pública de saúde, com vistas a acompanhamento precedente.

A minha assinatura neste documento autoriza o pesquisador a utilizar os dados obtidos somente para os objetivos da pesquisa. Caso necessite de algum esclarecimento sobre minha participação nesta pesquisa, poderei entrar em contato com a pesquisadora responsável, Psicóloga Letícia Ribeiro Souto Pinheiro (CRP 07/15758), pelo telefone: 51-93345944

Este documento está sendo apresentado em duas vias, sendo uma delas para o entrevistado e outra para o pesquisador.

Erechim, ____ de _____ de 200__.

Assinatura do Entrevistado

Assinatura Pesquisador

Apêndice C - Produção bibliográfica da dissertação

PINHEIRO, L. R. S. A saúde mental dos trabalhadores com ensino superior em situação de desemprego.2008. (Apresentadora de Pôster). I Simpósio de Pesquisa em Psicologia Clínica: A Pesquisa na Clínica Psicológica – Perspectivas e Desafios. São Leopoldo – RS.

PINHEIRO, L. R. S. A saúde mental dos trabalhadores com ensino superior em situação de desemprego. 2008. (Relato de pesquisa/Comunicação). III Congresso Nacional de Psicologia Organizacional e do Trabalho. Florianópolis – SC.

PINHEIRO, L. R. S.; MONTEIRO, J. . Considerações acerca do estudo sobre desemprego e saúde mental. In: Simpósio Internacional- O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos?, 2007. (Anais/ Artigo Completo). CD-Simpósio Internacional O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos? São Leopoldo – RS.

PINHEIRO, L. R. S.; MONTEIRO, J. . "Refletindo sobre o desemprego e agravos à saúde mental", v.10, n.2, dez., pp.35-45. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho (USP), 2007.

PINHEIRO, L. R. S.; MONTEIRO, J. . Considerações acerca do estudo sobre desemprego e saúde mental. 2007. (Apresentação de Trabalho/Comunicação). Simpósio Internacional- O futuro da autonomia. São Leopoldo – RS.

PINHEIRO, L. R. S.. A saúde mental perante a situação de desemprego. 2007. (Apresentação de Trabalho/Outra). XIX Jornada Anual do IEPP "Vulnerabilidade e Desamparo". Porto Alegre- RS.

Apêndice D - Aprovação do Projeto no Comitê de Ética em Pesquisa - UNISINOS



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Unidade de Pesquisa e Pós-Graduação (UAP&G)
Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

UNIDADE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

RESOLUÇÃO 063/2007

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS analisou o projeto:

Número: Nº CEP 07/057

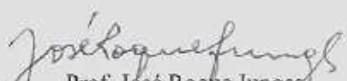
Coordenadora: Leticia Ribeiro Souto Pinheiro (PPG em Psicologia)

Título: *A saúde mental dos trabalhadores com ensino superior em situação de desemprego.*

Parecer: O projeto foi **APROVADO**, por estar adequado ética e metodologicamente, conforme os preceitos da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

A pesquisadora deverá encaminhar relatório anual sobre o andamento do projeto, conforme o previsto na Resolução CNS 196/96, item VII.13, letra d.

São Leopoldo, 30 de outubro de 2007.


Prof. José Roque Junges
Coordenador do CEP/UNISINOS